

Trabalho de Conclusão de Curso

Fatores estressores entre estudantes do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC

Vinícius Spiger



**Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Graduação em Odontologia**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA**

Vinícius Spiger

**FATORES ESTRESSORES ENTRE ESTUDANTES DO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UFSC**

Trabalho apresentado à Universidade
Federal de Santa Catarina, como
requisito para a conclusão do Curso de
Graduação em Odontologia
Orientador: Prof. Cláudio José Amante

Florianópolis

2015

Vinícius Spiger

**FATORES ESTRESSORES ENTRE ESTUDANTES DO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UFSC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado, adequado para obtenção do título de cirurgião-dentista e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de maio de 2015.

Banca Examinadora:

Prof., Dr. Cláudio José Amante
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Joeci de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Ms. Alessandra Martins Ferreira Warmling
Universidade Federal de Santa Catarina

A todos aqueles que fazem deste um
mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos destinam-se a minha família, principalmente seu núcleo, meus pais **Maria Ercilina Oliveira Spiger** e **Zeno Spiger**, bem como meu irmão **Anderson Spiger**, que acompanharam toda trajetória de minha vida até o presente momento. Sou eternamente grato por todos esses anos ao meu lado, nos momentos bons e difíceis, por, de uma forma ou outra, sempre servirem como uma imensa fonte de suporte e estímulo, não somente na educação, mas também na vida. Sem vocês, nenhum passo adiante seria possível.

Aos meus pais de coração **Mário Morlin** e **Angela Vieira Morlin**, bem como toda sua família, que sempre me acolheu como se fizesse parte da mesma. Muito obrigado por todo carinho e apoio prestado, além de toda música e boas conversas regadas a chimarrão.

Ao meu orientador e amigo, professor **Cláudio José Amante**, por ter acolhido minha ideia e guiado esta pesquisa desde o início, sempre me motivando e me ensinando a andar no mundo acadêmico com as próprias pernas e por ter mostrado me que existe uma odontologia que não se resume a sua própria existência, mas sim ao mundo em que se insere, servindo não apenas como inspiração profissional, mas também pessoal. O meu muito obrigado.

Aos meus amigos do GIPES **Bruna Uliana**, **Eveline Friedrich**, **Gustavo Baur** que cada um com sua pesquisa, experiência e personalidade, tornaram o desenvolvimento de todo esse trabalho mais gratificante e divertido, acrescentando muito a minha vida.

Ao meu amigo **Murillo Barreto Cardoso**, também membro do GIPES, que, no último semestre, acabou também trabalhando como dupla comigo, pelo humor peculiar (e provavelmente duvidável) partilhado entre madrugadas de conversas jogadas foras e trabalhos acadêmicos.

Ao meu amigo **Gustavo Rinaldi**, e dupla de atividades clínicas durante toda a universidade, pela paciência e pelo exemplo de dedicação e esforço, além da amizade prestada por todo esse tempo. Apesar de todas as encrencas e problemas, duvido eu fosse capaz de manter melhor relacionamento amistoso com qualquer outra pessoa durante esse período. Até que nos saímos bem dessa, não?

A todos meus amigos da universidade, membros de um grupo único cujo qual não deve ser nomeado, **Arthur Borges**, **Eduardo Laureano**, **Jonas Valmorbida**, **Lucas Medeiros**, **Paulo Henrique Bett**, **Ricardo Dell Antonio**, **Ricardo Mees**, **Tiago Mucelin**, **Victor Barbato**, **Victor Santos**, **Wagner Schunemann**, além dos supracitados,

por toda diversão durante todos esses anos. Vocês fizeram de nossa turma a melhor que poderia existir. Apesar de toda subestimação que pode ter recaído sobre nossas barbas, não tenho dúvidas que todos vocês serão profissionais de sucesso e farão da odontologia uma profissão da qual poderei me orgulhar.

Ao Prof.Dr. **Hamilton Pires Maia**, por, durante uma tarde na disciplina de Dentística Pré-Clínica ter-me feito não desistir da profissão, ao insistir e gastar um período inteiro num “aluno atrasado”, ensinando-me que não se trata apenas de talento ou dom, e sim de insistência e paciência para aprender no tempo certo, me estimulando a continuar nesse caminho, durante o período acadêmico mais difícil que serviu de inspiração para este trabalho.

Aos meus amigos e companheiros da fictícia banda **Cherry Wheels**, os senhores **João Francisco dos Santos** e **Otávio Dias**, apesar de não termos nos tornados (ainda) astros do rock, todo aquele divertido ano valeu a pena. Muito obrigado por serem malucos o suficiente para serem meus amigos.

A todos os professores que de alguma forma realmente contribuíram para minha formação profissional e pessoal, por, num mar de desinteresse, serem realmente apaixonados pela vontade de ensinar e passar o conhecimento adiante, acima de tudo.

Aos servidores-técnicos administrativos dessa universidade que sempre seguraram as pontas e que fizeram muito mais do que seus deveres nessa universidade. Muitos de vocês contribuíram como verdadeiros profissionais e professores para essa formação, me ensinando que não é um título acadêmico que faz uma pessoa, mas o seu valor como indivíduo.

A todos os meus amigos, dos mais diversos lugares do mundo e mais variáveis gostos que cruzaram meu caminho acrescentando muito a minha vida. Obrigado por existirem e tornar o mundo um lugar menos medíocre. Não necessito citar o nome de todos vocês, mas certamente sou a pessoa mais sortuda do mundo. A única coisa de valor que podemos conquistar nessa vida é o afeto dos outros.

A todos vocês, os meu sincero muito obrigado.

A vida passa muito rápido, e se você não curtir de vez em quando, a vida passa e você nem vê.

(Ferris Bueller, 1986)

RESUMO

O estresse pode ser definido como um estado de percepção de estímulos capazes de gerar excitação emocional que perturbam a homeostasia, levando a um processo de adaptação caracterizado por manifestações sistêmicas, distúrbios fisiológicos e psicológicos.

Objetivos: Identificar os principais fatores estressores entre os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC. **Metodologia:** Os dados dessa pesquisa foram coletados através do Questionário Estresse no Ambiente Odontológico e de um Questionário Sociodemográfico, com alunos de 1ª a 10ª fase, entre 27 de março e 24 de abril de 2015, posteriormente analisados através de medidas estatísticas descritivas e pela ANOVA: One-way.

Resultados: Participaram desta pesquisa 282 alunos, com uma sendo maior parte do sexo feminino (70,21%), entre 28-23 anos (80,50%), residindo com pais ou parentes (42,55%), proveniente de Santa Catarina (84,4%), sem trabalho (89,36%) ou renda (88,65%), nunca tendo reprovado (73,40%), estudando de 4 a 7 h/ semana (34,40%). A média dos fatores foi de 2,43, com pico na Etapa Clínica (2,61). Os fatores estressores mais frequentes foram: “Provas e Notas”, “Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano”, “Atraso ou falta dos pacientes”, “Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade”, “Falta de tempo para relaxar ou para lazer”. **Conclusão:** Este estudo permitiu a identificação dos principais fatores estressores entre alunos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, contribuindo como uma pesquisa inicial sobre o estresse nos estudantes de odontologia da universidade. Os autores sugerem a necessidade de maiores pesquisas para identificar as diferenças no estresse entre os alunos e as possíveis influências que estes fatores causam na formação acadêmica dos estudantes de odontologia da UFSC.

Palavras-chave: estresse, estudantes de odontologia.

ABSTRACT

Stress can be defined as a perception state of stimuli capable of generate an emotional excitement that disturbs the homeostasis, leading to ana adaptation process characterized by systemic manifestations and psychological and physiological disturbances. **Aim:** Identify stress factors among the dental graduation students of UFSC. **Methods:** the data of this research was obtained by the Dental Environmental Stress questionnaire and by a sociodemographic questionnaire, applied to academics from the 1st to 10th semester, between March 27th and April 24th. The data was analyzed using descriptive statistics and ANOVA: One-Way method. **Results:** 282 dental students participated in this study, most of whom were women (70,21%), between 18-23 years (80,50%), living with family (42,55%), from Santa Catarina (84,4%), not working at the moment (89,36%), without income(88,65%), who did not fail (73,40%), and studying among 4 to 7 hours a week(34,40%). The stress factors overall was 2,43, being higher in the Clinic Phase (2,61). The most frequent stress factors were “Examinations and Grades”, “Fear of failing course or year”, “Patients being late or not showing for their appointments”, “Reconcile personal life issues with dental school routines”, “Lack of time for relaxation”. **Conclusion:** This study lead to the identification of the main stress factors among undergraduate dental students from UFSC, contributing as an initial research about stress among these students. The authors suggest that more research is required to identify the differences in the stress among the students and its influence.

Palavras-chave: stress, dental students

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Resposta ao estresse proposta por Hans Seyle	25
Gráfico 1. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Sexo. Florianópolis, 2015	40
Gráfico 2. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Faixa Etária. Florianópolis, 2015.	41
Gráfico 3. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Condição atual de moradia. Florianópolis, 2015.	42
Gráfico 4. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Necessidade de mudança para cursar a graduação. Florianópolis, 2015.	42
Gráfico 5- Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Situação de renda. Florianópolis, 2015.	43
Gráfico 6- Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Situação de Trabalho. Florianópolis, 2015	44
Gráfico 7. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Reprovação. Florianópolis, 2015.	47
Gráfico 8. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Horas dedicadas ao estudo. Florianópolis, 2015	47

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Dispersão dos sintomas e sinais físicos e emocionais resultantes do estresse relatados por Davis e Janosik (1991), Lipp (2000) e Wilkinson (2001). Florianópolis, 2015	28
---	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos alunos participantes conforme a as variáveis: Sexo, Faixa Etária, Estado Civil, Condição de Moradia, Necessidade de mudança para cursar a graduação, Situação de Renda e Situação de Trabalho. Florianópolis, 2015.	44
Tabela 2 – Distribuição dos alunos participantes conforme a as variáveis: Permanência na turma que ingressou no vestibular; Reprovação e Horas dedicadas ao estudo. Florianópolis, 2015	46
Tabela 3 –. Distribuição dos alunos participantes conforme a classificação de etapas acadêmicas do Curso de Graduação em Odontologia. Florianópolis, 2015.	49
Tabela 4 – Média do nível dos fatores estressores entre os alunos participantes da pesquisa, conforme a Etapa Acadêmica em que se encontram. Florianópolis, 2015.	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

EAO – Estresse no ambiente odontológico

ICD – Instrumento de coleta de dados

IFES – Instituições Federais de Ensino Superior

MEC – Ministério da Educação

TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Considerações Iniciais	15
1.2 Tema	17
1.3 Delimitação do Tema	17
1.4 Justificativa	17
1.5 Relevância e originalidade	18
1.6 Limitações	19
1.7 Problema	19
1.8 Hipótese Geral	19
1.9 Hipóteses Específicas	20
1.10 Variáveis	20
1.11 Relação entre as variáveis	22
2 REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 O estresse	23
2.2 O ambiente acadêmico	30
2.3 O estresse na odontologia	32
3 OBJETIVOS	35
3.1 Objetivo Geral	35
3.2 Objetivos Específicos	35
4 METODOLOGIA	36
4.1 Classificação da pesquisa	36
4.2 Atores	37
4.3 Técnica para coleta dos dados	37
4.4 Análise e interpretação dos dados	38
4.5 Comitê de Ética em Pesquisa com	38
Seres Humanos	
4.6 Desenvolvimento da Discussão	38
4.7 Grupo de Pesquisa envolvido	39
5 RESULTADOS	40
6 DISCUSSÃO	56
7 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	67
ANEXO A	74
ANEXO B	75
ANEXO C	77
ANEXO D	79
ANEXO E	80

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais

O seguinte tema foi escolhido baseado na observação empírica dos estilos de vida de estudantes do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, onde, além da percepção das situações diárias que poderiam estar relacionadas ao estresse, notou-se também o próprio relato de alunos que se consideravam “estressados”, devido a motivos como: cargo-horárias elevadas, diversas tarefas que se estendem além do período de aulas, preocupações com os pacientes, relacionamento com professores, entre outros problemas relatados informalmente.

Conforme dados da ANDIFES, os fatores considerados estressores, tais quais a adaptação à cidade, à moradia, à separação da família, entre outros, foram reportados de forma significativa em 43% dos estudantes das IFES (ANDIFES, 2010). Estudos avaliando o estresse em cursos da área da saúde evidenciaram uma prevalência de estresse em estudantes de medicina, podendo chegar a um valor de até 49,7% (AGUIAR et al., 2009; GONÇALVES; BENEVIDES-PEREIRA, 20009).

Corroborando com isso, diversos estudos apontaram a presença de níveis de estresse elevados entre os alunos de graduação em cursos como medicina, enfermagem, fisioterapia, psicologia e também entre os alunos de graduação em odontologia (AGUIAR, 2007; MILSTED; AMORIM; SANTOS, 2009; TORQUATO et al., 2010; RIBEIRO; MELO; RIBEIRO, 2011).

O estresse é definido como o estado causado por uma percepção de estímulos capazes de gerar excitação emocional que, ao perturbar a homeostasia, resultam em um processo de adaptação caracterizado pelo aumento da secreção de adrenalina, gerando assim manifestações sistêmicas e distúrbios fisiológicos e psicológicos (MARGIS et al., 2003).

O mecanismo de estresse era destinado a manter a sobrevivência do homem primitivo diante de situações de perigo. Entretanto, esta função deixou de ocorrer pela luta com animais ferozes, sendo agora gerada principalmente pelo desemprego, pelas perspectivas de um futuro sombrio, pelos compromissos econômicos cotidianos, entre outros fatores da vida moderna (BIANCHI, 2000).

Assim, o estresse é considerado uma resposta biológica de um indivíduo que busca adaptação a pressões internas e/ou externas. Estas pressões são denominadas fatores estressantes e podem ter origem

ambiental, biológica ou física (BIANCHI. 2000; BALLONE; MOURA, 2008).

Entre os principais fatores estressores que afetam estudantes de uma universidade estão: a realização de provas e trabalhos, a necessidade de conciliar trabalho e curso, a dificuldade de conciliar o estudo com lazer e família, a pouca expectativa de colocação profissional, a insegurança, a carga-horária, a dificuldade de obter materiais para estudo, o relacionamento com colegas, a falta de uma pessoa para dividir as dificuldades, a falta de retorno positivo do que se executa a relação com professores e a dificuldade de desenvolver técnicas. Além disso, períodos avaliativos costumam gerar maior tensão e exigência do aluno, evidenciando a presença de alteração nos níveis de estresse também nestas situações (BORGES; CARLOTTO, 2004; PEREIRA; JESUS, 2011; RIBEIRO; MELO; RIBEIRO, 2011; SILVA et al., 2011).

Os sintomas do estresse são as respostas orgânicas relatadas pelo paciente, enquanto os sinais são considerados as respostas observadas pelo profissional. Entre os sinais e sintomas mais relatados, podemos citar: musculatura tensa, dolorida; gases, alterações gastrointestinais (como gases, azia sem causa aparente, náusea, cólicas, etc.), respiração profunda e incômoda, tabagismo, sensação de o corpo inteiro tremer, palpitações, pulso aumentado, sensação de desânimo, desinteresse, infelicidade, angústia, depressão, medo, vergonha, culpa, raiva, irritação, falta de interesse em convívio social, esquecimento, dificuldade de concentração, ansiedade, agitação, pensamento frequente em problemas, cansaço, necessidade de remédios para sono ou depressão, problemas familiares / habitacionais, alterações em pele e mucosa (prurido, aftas, etc.), problemas associados ao trabalho (atividade, insatisfação), dificuldade de relacionamento sexual e/ou afetiva com o parceiro, xerostomia e sensação de boca seca (DAVIS; JANOSIK, 1991; LIPP, 2000).

Dentro desse contexto, a odontologia pode ser considerada como uma profissão estressante porque apresenta diversas fontes de estresse, que iniciam graduação (estudo acadêmico), bem como também no início da prática clínica. Em alguns cirurgiões-dentistas, estas fontes podem levar a desordens como a *Síndrome de Burnout*, a ansiedade e até mesmo a depressão (RADA; JOHNSON-LEONG, 2004).

Um estudo realizado com cirurgiões-dentistas no México mostrou a prevalência de um nível médio de estresse crônico em 71,8% dos profissionais, e em outro, realizado na Nova Zelândia, profissionais relataram como fatores estressores mais frequentes a constante pressão

de tempo, a necessidade de manter altos níveis concentração, a situação de lidar com pacientes difíceis, o ato causar dor, entre outros citados pelos cirurgiões-dentistas (RADILLO et al., 2008; AYERS et al., 2008).

No âmbito acadêmico nacional da Odontologia existem, atualmente, poucas pesquisas a respeito do tema, em comparação a outras áreas da saúde como a medicina e a enfermagem, embora o tema venha sendo estudado em diversos países como Grécia, Estados Unidos, Canadá Índia, entre outros países (ACHARYA, 2003; DAHAN, 2008; SILVERSTEIN; KRITZ SILVERSTEIN, 2010; POLYCHRONOPOULOU; DIVARIS, 2010). Entre as pesquisas feitas no Brasil, destacam-se os trabalhos de Aguiar (2007) e Sangiorgio (2013).

Assim, considerando a capacidade do estresse resultar em importantes mudanças no organismo dos indivíduos, e, sendo o mesmo um problema presente no dia-a-dia de estudantes de graduação, inclusive entre os do curso de odontologia, o seguinte estudo objetivou identificar os principais estressores decorrentes formação superior dos estudantes do curso de graduação em odontologia da UFSC.

1.2 Tema

Assistência estudantil.

1.3 Delimitação do tema

Saúde Mental dos estudantes do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.

1.4 Justificativa

Os pesquisadores deste estudo perceberam, empiricamente, a existência de potenciais fatores estressores vivenciados nas atividades diárias dos estudantes do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC. Essa percepção condiz com estudos que foram encontrados na literatura, que indicam a presença de sintomas de estresse entre os estudantes deste curso, bem como a presença de fatores estressores durante a formação acadêmica odontológica (ACHARYA, 2003; AGUIAR, 2007; SILVERSTEIN; KRITZ-SILVERSTEIN, 2010; MONTERO-MARIN et al. 2011; SANGIORGIO, 2013).

A saúde mental dos estudantes de odontologia necessita atenção, pois a mesma está relacionada com o bem estar dos

acadêmicos, dos profissionais e da população na qual estes serviços estão inseridos (AGUIAR, 2007).

Como a odontologia é considerada uma fonte de fatores estressores, é importante compreender este processo para possibilitar formas de melhorar estas condições, como foi realizada por Chinaveh e colaboradores (2010), ao utilizar um programa de controle de estresse em estudantes universitários, que resultou em um melhor rendimento acadêmico.

Além dos interesses acadêmicos, o controle do estresse influencia na qualidade de vida dos indivíduos, hoje compreendida como de íntima relação com o conceito de saúde, sendo que uma abordagem interdisciplinar e uma compreensão de que o conceito de bem-estar é importante para os indivíduos torna-se fundamental no âmbito de um Centro de **Ciências da Saúde**, estando de acordo com as propostas de promoção de saúde (BUSS, 2000; BATISTELLA, 2007).

1.5 Relevância e originalidade deste estudo

A relevância desta pesquisa dá-se pela necessidade de conhecer e compreender os fatores estressores no dia a dia do ambiente acadêmico odontológico do curso de graduação da UFSC. Conforme dados da ANDIFES, obtidos em 2010, 43% dos estudantes das IFES relataram apresentar alguns fatores estressores, entre eles a dificuldade de adaptação, moradia, relações interpessoais, violência física e sexual, assédio moral, dificuldades financeiras, entre outros, que levaram quase metade dos estudantes a passarem por dificuldade emocional, e situações como ansiedade, insônia, desamparo, desespero e até depressão. Portanto, conhecer essa realidade é de extrema importância, pois elas podem levar a dificuldades de estudo, concentração, desempenho acadêmico baixo, reprovações e até o trancamento de disciplinas (ANDIFES, 2011).

O estresse é um estado de tensão responsável por uma quebra no equilíbrio interno do organismo, estando o estresse também está associado ao desenvolvimento de diversas doenças cardiovasculares, gastrointestinais, inflamatórias, dermatológicas, psicológicas, entre outras (LIPP, 200; PAFARO; MARTINO, 2004; KITAOKA-HIGASHIGUCHI et al., 2009 KONTUREK; BRZOZOWSKI; KONTUREK, 2011; SUÁREZ et al., 2012; WADA et al., 2013).

Além disso, o estresse pode influenciar diretamente no desempenho acadêmico dos alunos, bem como na memória e na

capacidade de tomar decisões (PETROFF, 2008; STARCKE; BRAND, 2012).

Assim, a importância deste projeto de pesquisa baseia-se no desejo de identificar e os fatores estressores dos indivíduos no âmbito acadêmico do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, para possibilitar uma melhor compreensão das relações entre as condições atuais do ensino, o perfil do aluno neste meio e os fatores estressores existentes em sua formação, visto que ainda são poucas as pesquisas sobre o tema na área de odontologia em âmbito nacional.

1.6 Limitações deste estudo

As limitações deste estudo estão principalmente associadas ao método de pesquisa adotado que, por se tratar de um levantamento de dados de forma transversal, de uso justificado pelo tempo reduzido, não apresenta um fator de acompanhamento do estresse em sentido longitudinal.

Além disso, esta pesquisa trata-se de um trabalho inicial de investigação do tema em alunos do curso de odontologia da UFSC. Este universo reduzido, devido aos objetivos do estudo, também implica na possibilidade de fatores locais influenciarem em possíveis generalizações do estudo.

1.7 Problema

Um problema é um aspecto ou dúvida que leva ao início de uma pesquisa, e sua percepção é a razão do raciocínio da pesquisa, sendo, portanto, a sua solução o centro da pesquisa (GIL, 2002; SILVA; MENEZES, 2005).

Assim, o problema desta pesquisa é: “Quais são os fatores estressores presentes na formação superior nos alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina?”.

1.8 Hipótese geral

Uma hipótese é uma resposta temporária para o problema de pesquisa, que será aceita ou negada conforme a evolução do processo de pesquisa. É considerada uma expressão que deve ser passível de ser analisada como verdadeira ou falsa. As hipóteses podem se referir a: frequência de acontecimentos, relação entre variáveis ou ser casuística.

É importante que a hipótese seja clara, específica, com referências empíricas, explicativa, simples, baseada em uma teoria e relacionada com as técnicas disponíveis (GIL, 2002; SILVA; MENEZES, 2005).

Para esta pesquisa, como hipótese geral, postula-se:

“Os alunos regularmente matriculados no curso de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina apresentam fatores estressores decorrentes de sua formação superior”.

1.9 Hipóteses Específicas

Além de uma hipótese geral, este trabalho apresenta três hipóteses específicas de associação entre variáveis para este estudo:

- a) “O ambiente da graduação universitária, em especial da formação odontológica, influencia na presença dos fatores estressores entre os alunos regularmente matriculados no curso de Odontologia da UFSC.”
- b) “O semestre em que o aluno se encontra está relacionado a níveis maiores ou menores de estresse entre os alunos regularmente matriculados no curso de Odontologia da UFSC”.

1.10 Variáveis

Uma variável é um evento, situação, comportamento ou característica individual que tenha um valor ou aspecto diferente, conforme suas particularidades e circunstâncias, sendo considerada oposta aos valores estáticos, como as constantes (GIL, 2002; RAUEN, 2012).

As variáveis podem ser classificadas baseadas na hierarquia da variação do processo, como independentes ou dependentes (MALETTA, 2000). Assim, as variáveis deste estudo foram:

- a) **Variáveis independentes:** uma variável independente é a que altera ou afeta os fatores a serem explicados ou descobertos na pesquisa, gerando um resultado ou consequência (LAKATOS; MARCONI, 2003). Nesse contexto, as variáveis independentes derivaram do instrumento de pesquisa adotado, sendo estas: quantidade de trabalho em sala de aula, falta de cooperação dos pacientes com cuidados caseiros,

difficultades em sala de aula, responsabilidades pelo cuidado com a saúde do paciente integralmente, competitividade por notas, atraso ou falta de pacientes, provas e notas, dificuldade de aprender procedimentos clínicos, ambiente criado pelo corpo docente, interações com pessoas do sexo oposto, críticas do trabalho realizado, dificuldade de aprender as habilidades manuais exigidas no trabalho pré-clínico e laboratorial, falta de confiança em ser um estudante bem sucedido e um profissional bem sucedido, falta de tempo para relaxar ou lazer, quantidade de desonestidades acadêmicas presentes na faculdade de odontologia, regras e regulamentos da faculdade de odontologia, realizar tratamentos em pacientes com bocas com higiene inadequada, falta de atmosfera familiar nas residências estudantis ou repúblicas, completar os requisitos da graduação, conciliar vida pessoal com a rotina da faculdade, diferenças entre as expectativas com a realidade encontrada na faculdade, falta de participação nos processos de tomada de decisão da faculdade, medo de reprovar em uma matéria ou perder o semestre, insegurança em relação ao futuro profissional, responsabilidades financeiras, falta de tempo para fazer trabalhos exigidos pela escola, considerar entrar em outra área de trabalho, saúde física pessoal, atitudes discriminatórias da comunidade universitária contra o sexo feminino, conflito com a família sobre o futuro da profissão, discriminação racial, social ou étnica, incompatibilidade entre avaliação do trabalho entre professores, medo de se recuperar caso “fique para trás” nos estudos, atitudes discriminatórias da comunidade universitária contra estudantes homossexuais.

- b) **Variáveis dependentes:** as variáveis dependentes são os valores a serem explicados ou descobertos, que sofrem a ação ou influência de uma variável independente, podendo ser alterado pela manipulação (LAKATOS; MARCONI; 2003). No presente estudo, a variável dependente é o estresse, que pode ser definido como um estado de tensão que altera o

equilíbrio interno do organismo, visando uma adaptação a um fator estressor, que pode ser um evento de vida, uma situação diária menor ou uma situação de tensão crônica levando a um conjunto de respostas que varia conforme o meio e as características do indivíduo (SELYE, 1959; LIPP, 1994; LIPP 2000; MARGIS, 2003; ALCHIERI; CRUZ, 2004).

- c) **Variáveis qualitativas nominais:** esta classe de variáveis é definida em termo dos atributos, não sendo capazes de sofrer mensuração, e não apresentam ordem entre si (MALETTA, 2000). No presente estudo, as variáveis qualitativas nominais são: sexo, estado civil, condição de moradia, necessidade de mudança de local para realização do curso, permanência na turma de ingresso no vestibular, reprovação, situação de renda.
- d) **Variáveis qualitativas ordinais:** em geral, representam ordem, com uma escala de mensuração com categorização de mais ou menos (MALETTA, 2000). Neste estudo, estas variáveis são: situação de trabalho e situação de renda e semestre atual.
- e) **Variável quantitativa discreta:** estas variáveis explicam grandezas de um processo, com possibilidade de mensuração através de escala numérica, tendo valores inteiros (MALETTA, 2000). Neste estudo, as variáveis quantitativas discretas se resumiram a idade do entrevistado.

1.11 Relação entre as variáveis

A relação entre estas variáveis é de causalidade probabilística, visando inferir a existência de causalidade, onde diversas variáveis independentes levam a uma variável dependente. No presente estudo, os fatores estressores podem levar ao estresse como efeito. Estes fatores estressores são classificados como uma condição contingente, onde uma variável é causa contribuinte de um fenômeno, no caso, o estresse (MATTAR, 2008).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O estresse

A compreensão da relação entre o estresse e a saúde passa inicialmente por uma contextualização da ideia da relação entre mente e corpo. A relação com a saúde envolve concepções de diversos fatores, podendo estas ser exclusivamente materialistas ou também envolverem aspectos cognitivos e emocionais como determinantes deste processo (CRUZ; PEREIRA JÚNIOR, 2011).

A visão puramente biológica da doença tem sido questionada, principalmente devido a evidências em relação à influência da mente e das emoções no estado de saúde dos indivíduos. Tais questões sobre a dissociação de mente e corpo, entretanto, não são um assunto recente na história da ciência e da humanidade, tendo sido abordadas desde a antiguidade, embora nenhuma resposta definitiva possa ser dada até o momento. (HEGENBERG, 1998; CRUZ; PEREIRA JÚNIOR, 2011).

Nos primórdios da humanidade, a doença era provavelmente encarada como algo sobrenatural pelos seres humanos, associadas à obra de algum espírito, punições ou fruto de ritos mágicos. Na Grécia Antiga, no século V A. C., filósofos como Demócrito e Platão identificaram o cérebro como a sede das sensações. Demócrito considerava o corpo a habitação da alma, sendo que os átomos da alma insinuavam-se pelos poros. Entretanto, foi Hipócrates o responsável pela medicina científica, sendo o primeiro a buscar uma causa natural para a doença (HEGENBERG, 1998; CASTRO; ANDRADE; MULLER, 2006).

Assim, Hipócrates desenvolveu uma teoria associando os quatro elementos da natureza a quatro humores do corpo humano (sangue, flegma, bile amarela e negra). Cláudio Galeno revisitou essa teoria, ressaltando a importância dos quatro elementos na saúde. Em sua visão, a doença estava relacionada ao interior do homem, com seu físico e seus hábitos de vida, sendo que esse conceito prevaleceu por séculos. Entretanto, Paracelsus, que viveu de 1493 a 1541, afirmou que a doença era provocada por agentes externos ao organismo. Por se tratar de um alquimista, ele propôs que se a origem dos problemas humanos fosse química, o tratamento deveria ser químico (HEGENBERG, 1998; PUCCI JÚNIOR, 2004; CASTRO; ANDRADE; MULLER, 2006).

René Descartes, que viveu de 1596 a 1650, por outro lado, realizou o primeiro registro da relação entre corpo e mente desde a época dos gregos. Para ele, a alma era uma entidade distinta do corpo,

com uma interação de duas vias, com a alma afetando o corpo e o corpo afetando a alma. Já Stahl (1600-1734) descreveu a doença como fruto de uma alma irritada, incapaz de dirigir adequadamente os processos vitais (HEGENBERG, 1998; PUCCI JÚNIOR, 2004).

No final do século XIX, Freud trouxe novamente à tona a importância das questões internas do ser humano, ao estudar a histeria e com sua teoria psicanalítica. Na visão de William Reich, o ser vivo realiza a percepção do ambiente e de si próprio através das sensações, afetando seus julgamentos e reações, devendo ser o organismo examinado como é: no estado vivo e na esfera das emoções. Para ele, a ligação entre mente e corpo não é direta, existindo apenas através das emoções bioenergéticas (PUCCI JÚNIOR, 2004; CRUZ; PEREIRA JÚNIOR, 2011).

Para Antônio Damásio, médico neurologista de Lisboa, os fenômenos mentais são compreendidos no contexto do organismo e sua interação com o ambiente (PUCCI JÚNIOR, 2004).

Essas vertentes estão bastante relacionadas à medicina psicossomática, envolvendo assim considerações na prevenção de doenças, bem como a reabilitação e o tratamento, sendo fatores, como o estresse, capazes de levar a mudanças nos indivíduos (CASTRO; ANDRADE; MULLER, 2006).

Adentrando no século XX, mais especificamente em sua primeira metade, o primeiro cientista a fazer parte da história do estresse é Walter Cannon, fisiologista que identificou a reação do estresse como a resposta de luta ou fuga, que em nossa sociedade tornou-se uma ameaça a própria saúde (GREENBERG, 2002).

Entretanto, o termo estresse, na área da saúde, foi primeiramente conceituado por Hans Selye. Em seu livro *Stress - A tensão da vida*, Selye (1959) relata que teve sua ideia inicial a respeito do estresse em 1925, época em que ainda era estudante de medicina, quando se deparou com pacientes que apresentavam um quadro clínico semelhante, definido por ele como a “síndrome de estar apenas doente”, frente a causas diferentes. Entretanto, somente anos depois, ao estudar um suposto novo hormônio sexual, Selye chegou à descoberta de uma síndrome não específica experimental induzida em ratos, caracterizado pelo estímulo das glândulas suprarrenais, atrofia timo linfática e por úlceras gastrointestinais, que serviu de estímulo inicial para seus estudos, fazendo com que Selye passasse a dedicar-se ao estudo do estresse (SELYE, 1959).

Selye publicou o seu primeiro artigo sobre a Síndrome da Adaptação Geral em 4 de julho de 1936, adotando o termo *nocuos* para

se referir ao problema. Na época, o termo stress ainda era alvo de muitas críticas, mas com o passar do tempo, passou a ser aceito. Em 1946, ele usou uma tradução do termo para francês: *le stress*. Assim, Selye (1959) define o stress como “[...] o estado manifestado por uma síndrome específica, constituído por todas as alterações não específicas num sistema biológico.”.

Ele propôs que o estresse apresenta três fases: a fase de alarme, a fase de resistência e fase de exaustão, sendo que todos os organismos passam por estas fases em uma exposição contínua a um fator estressor, como pode ser observada na Figura 1, uma representação esquemática das mudanças na resistência específica (linha cheia) e cruzada (linha pontilhada), durante as três fases da Síndrome de Adaptação Geral. A progressão do tempo é indicada ao longo da abcissa e os graus de resistência ao longo da ordenada. (PERDRIZET, 1997).

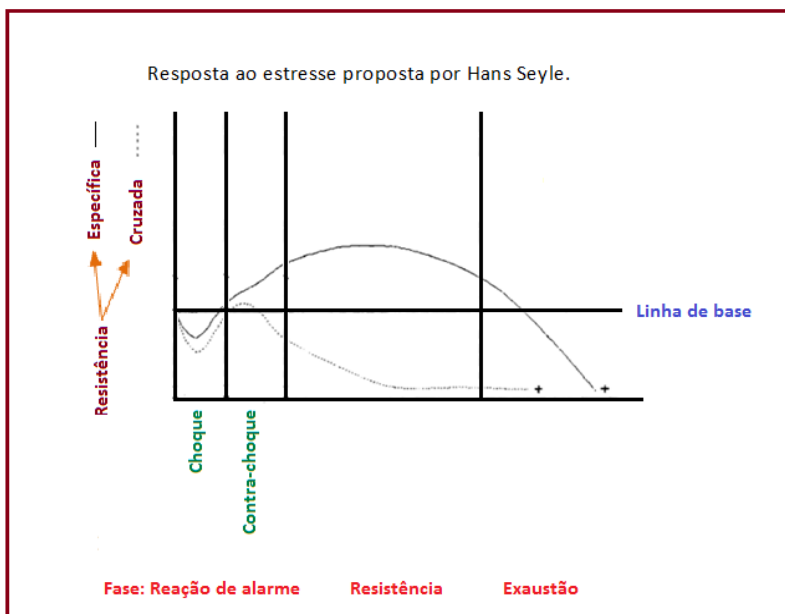


FIGURA 1 - Resposta ao estresse proposta por Hans Selye. Fonte: PERDRIZET, 1997.

A fase de alarme ou alerta se refere ao período em que os fatores estressores se iniciam, gerando uma resposta para a luta ou fuga e o corpo apresenta as primeiras mudanças frente ao estressor. Na fase de

resistência, os sinais corporais da fase de alarme desaparecem, sobressaindo-se a resistência, sendo caracterizada por apresentar o aparecimento das consequências mentais, físicas e emocionais, em uma tentativa de manter o equilíbrio interno e resistir ao fator estressor, podendo levar a um desgaste do organismo e ao aumento na susceptibilidade a doenças. Por fim, a fase de exaustão, onde após uma exposição prolongada, a força para adaptação acaba, envolvendo sintomas como irritabilidade, baixa autoestima, dificuldade de relaxar, entre outros (GOMES; SILVA, 2013; GREENBERG, 2002).

Alguns autores consideram o estresse como um estado de tensão gerado pela quebra da homeostase de um organismo, visando uma adaptação a um fator estressor, essencial ou nocivo, podendo assim ser considerado não apenas uma “reação ruim”, mas um conjunto de reações que ocorrem visando reestabelecer o equilíbrio. Esta resposta depende do meio e das características do indivíduo, servindo para preparar o organismo para uma ação rápida e vigorosa (LIPP, 1994; LIPP, 2000; MARGIS, 2003; ALCHIERI; CRUZ, 2004).

Em épocas primitivas, essa resposta era importante, pois necessitávamos disputar com feras pela sobrevivência. Mas na atualidade, a figura destes animais foi substituída pelo chefe, pelo empregado, pela família e por problemas do dia-a-dia, onde não utilizamos este excesso de adrenalina (ROSSI, 1991).

Lazarus (1993) define o estresse psicológico como uma reação a diversos tipos de dano ou ameaças a uma pessoa e seu ambiente. Para Selye (1959) um agente de estresse é algo capaz de produzir estresse. Situações ambientais podem atuar como estressores, como eventos de vida estressores, acontecimentos diários menores e situações de tensão crônica.

Os eventos de vida estressores podem depender ou não da participação do sujeito, como a morte de um familiar. Já os acontecimentos diários menores englobam situações coisas como o extravio de uma chave ou um som muito alto, que podem levar ao estresse. As situações de tensão crônica são geradoras de estresse intenso que dura por um período maior de tempo, como por exemplo, um relacionamento conturbado (MARGIS, 2003).

As fontes de estresse podem ser classificadas externas ou internas. As fontes externas envolvem tudo que é externo ao organismo, como a profissão, os problemas econômicos, as perdas, a violência ou mesmo acontecimentos que tragam felicidade e exijam adaptação do indivíduo. Os fatores internos, por outro lado, estão relacionados com as crenças e percepções dos indivíduos, podendo influenciar na forma que

um fator externo é interpretado. Muitas vezes crenças irracionais e a busca pela perfeição podem levar a problemas derivados do estresse (LIPP, 1994; LIPP, 2000).

Diferentes situações estressoras ocorrem ao longo do tempo, sendo que as respostas para estas situações variam entre os indivíduos na forma de apresentação (MARGIS, 2003).

Além disto, a personalidade de um indivíduo também está relacionada aos níveis de estresse, sendo que muitas vezes o que pode ser considerado um agente estressor para um indivíduo pode não ser fonte de estresse para outro. Pessoas com um comportamento que envolve ambição, agressividade, competitividade, fala rápida, impaciência podem apresentar uma maior susceptibilidade a doenças. Entretanto, pessoas com um padrão mais relaxado, com voz calma e raramente hostil também podem ter como fonte de estresse uma pessoa com um padrão mais hostil, bem como pessoas mais agitadas podem apresentar-se estressadas pela convivência com pessoas com um perfil calmo (LIPP, 1994, 2000).

Para Rossi (1991), não é a situação estressora que afeta a saúde, mas sim a reação do indivíduo a essa. Deve-se ressaltar que nem todas as fontes de estresse devem ser eliminadas (LIPP, 1994).

Em 1974, Seyle fez uma distinção entre do estresse em um estresse bom (o eustresse) e um estresse ruim (o distresse), possivelmente referindo-se a questões de sua Síndrome de Adaptação Geral e aos corticosteroides adrenais protetores e destrutivos (LAZARUS, 1993).

O termo eustresse, conforme a Enciclopédia da Conscienciologia é proveniente do prefixo eu (do Grego, “bom, bem”) e do termo stress (do inglês, “tensão”). O termo significa um estado de “antiestresse” ou de estresse benéfico. O eustresse é considerado uma resposta positiva do estresse, como uma sensação de realização pessoal ou de bem estar, sendo, portanto, uma reação boa para sobrevivência (TS, 2007; LIMA, 2007).

Já o termo distresse apresenta uma etimologia variada, com origem no Século XIII e apresenta diferentes definições, sendo a maioria delas consideradas negativas, como por exemplo, uma falha do sistema de adaptação ou um estresse “negativo” ou em excesso (RIDNER, 2004; NATIONAL RESEARCH COUNCIL; ESTADOS UNIDOS, 2008; GUILLARDI; PRECOMA; SILVA, 2012).

A transição de um estado de estresse para o distresse ocorre quando o indivíduo ultrapassa seus limites, dependendo de diversos fatores, como a intensidade e a duração dos agentes estressores

(NATIONAL RESEARCH COUNCIL, 2008; GUILLARDI; PRECOMA; SILVA, 2012).

Outra distinção entre os tipos de estresse também pode ser feita entre: estresse de dano, de ameaça e de desafio. O primeiro deles engloba o dano psicológico já feito. O estresse de ameaça representa a antecipação de um prejuízo que pode ocorrer. Já o estresse de desafio está relacionado à superação de algo por recursos de *coping*. Esses três tipos de estresse seriam causados por condições diferentes e capazes de resultar em diferentes reações, como por exemplo, um bloqueio de capacidades mentais pelo dano ou uma melhora destas capacidades, pelo desafio (LAZARUS, 1993).

É importante compreender que o estresse pode repercutir de forma negativa no organismo humano, podendo acarretar em diversos problemas de saúde. Existem diversos sintomas e sinais que podem ser encontrados entre os indivíduos em decorrência dos níveis de estresse. (LIPP, 2000; WILKINSON, 2001):

QUADRO 1 -Dispersão dos sintomas e sinais físicos e emocionais resultantes do estresse relatados por Davis e Janosik (1991), Lipp (2000) e Wilkinson (2001). Florianópolis, 2015.

(Continua)

Emocionais	Físicas
Sentir-se sob pressão	Tensão muscular
Sentir-se tenso	Batimento cardíaco rápido
Incapacidade de relaxar	Batimento cardíaco desigual ou palpitante
Exaustão mental	Respiração rápida ou ofegante
Sentir-se constantemente assustado ou preocupado	Transpiração excessiva
Aumento das queixas	Dilatamento pupilar
Irritabilidade	Estar muito em alerta
Sensações conflitantes	Alteração do sono
Frustração	Alteração de apetite
Agressão	Fraqueza muscular
Inquietação	Tremedeiras
Perda da concentração	Sensação de enjoo no estômago
Alteração na finalização de tarefas	Agitação

QUADRO 2 -Dispersão dos sintomas e sinais físicos e emocionais resultantes do estresse relatados por Davis e Janosik (1991), Lipp (2000) e Wilkinson (2001). Florianópolis, 2015.

(Conclusão)

Emocionais	Físicas
Aumento da tristeza	Dores de cabeça
Tornar-se mais nervoso	Fraqueza dos membros
Tornar-se abatido	Indigestão
Tornar-se desconfiado	Urgência para urinar com frequência
Incapacidade para tomar decisões	Desconforto torácico
Impulsos para comer	Dores ou espasmos “esquisitos”
Impulsos para se esconder	Constipação
Medo de desmaio iminente, colapso e morte	Diarreia
Constrangimento	Cansaço
Sensação de fracasso	Fraqueza
Não sentir prazer ou alegria	Piora de dor presente há tempo
Esquecimento de coisas corriqueiras	Inquietação
Sentir-se incompetente	Movimentos constantes
Pensar em somente um assunto/ repetir o mesmo assunto	Dor nas costas
Trabalhar com nível de competência abaixo do normal	Alterações em pele e mucosa (pruridos, aftas)
Sentir que nada vale a pena	Sensação de boca ou garganta seca
Preocupação excessiva com coisas desimportantes	Calafrios
Apatia, tédio, desinteresse	Aperto na mandíbula
Imaginar cenas amedrontadoras	Dor na nuca
Sensação de estar paralisado	Cansaço ao levantar
Hábito de tabagismo	Ansiedade
Desânimo	Xerostomia

Assim, o estresse crônico pode desencadear problemas de saúde, sendo que alguns deles estão associados à diminuição de funções do sistema imunológico devido ao estresse. Quanto mais significativa a mudança na vida de um indivíduo, maior o risco de desenvolver uma doença (GREENBERG, 2002).

Alguns estudos comprovam que a exposição ao estresse é um fator de risco importante para diferentes doenças do sistema gastrointestinal, tais como a úlcera péptica, a síndrome do intestino irritável ou a doença de refluxo gastroesofágico, entre outras. (KONTUREK; BRZOZOWSKI; KONTUREK, 2011).

Além de problemas gastrointestinais, o estresse pode levar a uma exacerbação de doenças inflamatórias, devido ao aumento de marcadores inflamatórios importantes nessas doenças. Entre elas, pode-se citar a gengivite e as doenças cardiovasculares (JAREMKA; LINDGREEN; GLAESER, 2013).

Além dessas complicações, existem associações entre o estresse com: o aumento de níveis do colesterol sérico, a hipertensão, acidentes vasculares cerebrais, a doença cardíaca coronariana, as úlceras, as enxaquecas, as cefaleias por tensão, os tumores malignos, as alergias, a asma, a artrite reumatoide, a dor lombar, as disfunções temporomandibulares. Essas situações estão associadas à diminuição da capacidade do sistema imunológico (como no caso do câncer e das alergias), a alterações nos níveis ácidos do estômago, e também, por exemplo, a tensão muscular, como as cefaleias por tensão (GREENBERG, 2002).

O estresse também se relaciona com outros problemas, como o parto prematuro, o aborto, e a maior propensão a lesões esportivas, acidentes de trânsito, resfriado comum e leva a um retardo na recuperação de doenças (GREENBERG, 2002).

Considerando tais pesquisas e estudos, pode-se observar que o estresse possui importante capacidade de alterar ou afetar a vida de um indivíduo, podendo conduzir a diversos problemas de saúde ao decorrer do tempo nesta pessoa.

2.2 O ambiente acadêmico

O estresse pode estar presente com frequência na vida dos estudantes de um curso universitário. O ingresso na vida acadêmica é um período de mudanças para o indivíduo, exigindo uma adaptação do mesmo frente aos novos desafios deste ambiente. Assim, o meio

acadêmico pode também ser uma fonte de diversos estressores para o estudante. O estresse acadêmico pode ser definido pela maneira que um estudante reage ao estresse, sendo isto variável entre os alunos (GREENBERG, 1999; STARCKE; BRAND, 2012).

Certos especialistas consideram os anos acadêmicos como os mais estressantes da vida. Entre os fatores estressores, pode-se citar a mudança no estilo de vida, as notas, a carga-horária elevada do curso, as novas amizades, o amor e sexo, a timidez, os ciúmes e o rompimento de relacionamentos. Estes e outros estressores em conjuntos podem levar a um estado de doença. (GREENBERG, 2002).

Além disso, o estresse pode estar presente em períodos avaliativos, com influências diferentes nos diferentes indivíduos (PEREIRA; JESUS, 2011).

Segundo dados da ANDIFES, através de uma pesquisa realizada em 2010 com alunos de Universidades Federais de várias regiões do país, por volta de 43% dos estudantes brasileiros de um curso de nível superior relataram dificuldade de adaptações a alguma situação, como mudança de cidade, moradia, separação da família. Estressores como dificuldades em relações interpessoais, sociais, relações amorosas, violência física e sexual e assédio moral, dificuldades financeiras foram avaliados como situações relevantes neste grupo. Somado a isso, mais da metade dos estudantes relatou um excesso na carga de trabalho acadêmica (ANDIFES, 2011).

Essas dificuldades emocionais levam a um quadro em que quase metade dos estudantes relatou ter passado por uma dificuldade emocional, sendo frequente a existência de situações como ansiedade, insônia, sensação de desamparo, desesperança, desespero e mesmo depressão. Isto tudo pode acarretar em problemas como falta de motivação para o estudo, dificuldades de concentração, desempenho acadêmico baixo, reprovações e trancamento de disciplinas. Assim, a situação justifica a necessidade e importância de conhecer a saúde mental do estudante e fazer intervenções para melhorá-la (ANDIFES, 2011).

Além dos estressores comuns a todos os alunos de graduação, os estudantes dos cursos da área da saúde são submetidos a fatores estressores associados às atividades práticas e clínicas da profissão, como se observou em estudos nas áreas de enfermagem, medicina, fisioterapia e psicologia, visto que as próprias profissões da saúde são consideradas estressantes para muitos profissionais (CARVALHO; MALAGRIS, 2007; CUSTÓDIO; PEREIRA; SECO, 2009;

MILSTELD; AMORIM; SANTOS, 2009; TORQUATO et al. 2010; RIBEIRO; MELO; RIBEIRO, 2011).

Uma pesquisa realizada com alunos de graduação dos cursos de medicina e odontologia revelou que os alunos de odontologia apresentaram-se mais estressados nos diferentes critérios avaliados (MURPHY et al., 2008).

2.3 O estresse na odontologia

Tanto a prática quanto a educação em Odontologia apresentam fontes de estresse relatadas (MONTERO-MARIN et al., 2011). A saúde mental dos estudantes de Odontologia é muito importante, pois ela envolve não somente o acadêmico, mas também a população que recebe o atendimento dos mesmos. (AGUIAR, 2007).

Esse fato tem sido comprovado através de estudos em diversos países, como Grécia, Jordânia, Índia, Estados Unidos, Canadá, Malásia e Brasil, demonstram que os estudantes de Odontologia apresentam-se diante de situações de estresse em sua realidade (ACHARYA, 2003; AGUIAR, 2007; DAHAN, 2008; POLYCHRONOPOULOU; DIVARIS, 2010; SILVERSTEIN; KRITZ-SILVERSTEIN, 2010; ABU-GHAZALEH et al., 2011; AHMAD, YUSSOF, RAZAK, 2011).

Dentre desse contexto, a importância de compreender o estresse nos estudantes de graduação em odontologia está relacionada a múltiplas implicações desse fator. Quando consideramos sua saúde, não apenas por modelos mecanicista e biomédicos, onde a saúde é conceituada como a ausência de doenças, mas também considerando-a dentro dos conceitos de bem-estar (físico, mental e social), bem como os determinantes de saúde que envolvem questões culturais e ambientais (dentro do qual o ambiente acadêmico também está incluído), e por fim, considerando a saúde como um processo que está intimamente relacionado com a qualidade de vida dos estudantes de odontologia (BUSS, 2000; BATISTELLA, 2007).

Além disso, o estresse é capaz de influenciar também na qualidade de vida do trabalho, onde o estresse pode também levar a depressão, falta de ânimo, falta de organização, de envolvimento com o trabalho, atrasos frequentes e farmacodependência, comprometendo assim a produtividade dos estudantes em suas tarefas diárias (LACAZ, 2000; SADIR; BIGNOTTO; LIPP, 2010)

Considerando ainda a Missão da UFSC:

“produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a **reflexão crítica**, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva de uma sociedade **justa** e **democrática** na defesa da **qualidade de vida**”. (grifo dos autores).

É possível perceber a preocupação institucional com a qualidade de vida e com a reflexão crítica dos processos, o que também, através da produção científica, pode ser construída visando ferramentas e informações que colaborem para o debate acerca do ensino universitário em odontologia na UFSC, e como este ensino influencia e atua na justa e democrática luta pela qualidade de vida de seus próprios estudantes, os quais, conforme preconizado pela instituição, devem também defender os mesmos valores.

Dentro desse contexto, identificar os fatores estressores, causas de um fenômeno que influencia na qualidade de vida e na saúde dos indivíduos, possibilita uma melhor compreensão situacional vivenciada pelos mesmos, possibilitando questionar o papel da universidade, em seus múltiplos atores, incluindo a instância docente, na colaboração de um melhor ambiente para promoção de saúde, da qualidade de vida desses indivíduos, bem como também melhorar as condições de ensino e trabalho na instituição, possibilitando assim um melhor ambiente para atingir os objetivos propostos.

Isso também está de acordo com a Visão proposta pelo Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, que postula: “*Em dez anos, ser referência no Brasil na formação de Cirurgiões-Dentistas nas áreas Político-gerencial, Educacional e Cuidado à Saúde das Pessoas.*”, assim, considerando a importância dos fatores estressores e do estresse já citada nas questões educacionais e de saúde das pessoas, e considerando que os acadêmicos de odontologia também são pessoas inseridas no contexto universitário, além de sua responsabilidade (supervisionada pelos docentes) com o atendimento da população que utiliza os serviços das clínicas odontológicas da UFSC, torna-se ainda mais evidente a necessidade de compreender tais fenômenos para possibilitar intervenções que capacitem o melhor quadro possível para a educação e para a saúde no âmbito do ensino em odontologia, possibilitando assim, uma real formação de cirurgiões-

dentistas dentro do perfil proposto pela universidade e pelo curso de odontologia da mesma.

3 OBJETIVOS

3.3 Objetivo Geral

Descrever a presença dos fatores estressores nos estudantes regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.

3.4 Objetivos Específicos

- a) Identificar na literatura um instrumento validado para verificar a presença de fatores estressores entre os alunos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.
- b) Identificar o perfil sócio demográfico atual dos alunos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.
- c) Enunciar os principais fatores estressores presentes nos alunos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.
- d) Estabelecer relações entre as diversas etapas acadêmicas e a prevalência dos fatores estressores entre os alunos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.

4 METODOLOGIA

4.1 Classificação da pesquisa

Segundo Gil (2002), toda classificação se faz baseado em algum critério. Em relação às pesquisas, costumam basear-se em seus objetivos gerais. De acordo com a classificação proposta pelo autor, a seguinte pesquisa foi classificada como uma pesquisa descritiva, pois busca estudar e descrever algumas das possíveis características do fenômeno estresse na população de estudantes de odontologia da UFSC. As pesquisas descritivas estão associadas desde pesquisas que busquem a identificação das relações entre variáveis até mesmo as que visem à determinação da natureza desta relação. São as pesquisas mais solicitadas por instituições educacionais.

Entretanto, o seguinte trabalho também pode ser classificado como uma pesquisa quantitativa, pela sua abordagem em números de opiniões e informações classificadas. Ela é considerada uma pesquisa específica, de acordo com sua natureza de buscar a geração de conhecimentos para problemas específicos, como no seguinte caso, o estresse nos estudantes do curso de graduação em odontologia (SILVA; MENEZES, 2005).

Os procedimentos técnicos utilizados nessa pesquisa podem ser divididos em três etapas: inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura através de uma Pesquisa Bibliográfica (GIL, 2002). Para esta revisão, utilizou-se os termos de busca como “stress”, “stress acadêmico”, “stress na odontologia”, associado também com a procura e leitura de livros publicados que abrangessem o tema em questão, possibilitando assim a obtenção de conhecimentos da área.

Com a definição do instrumento de pesquisa através da realização da revisão narrativa do tema, os pesquisadores optaram pela realização de um portfólio bibliográfico, para identificar de forma sistemática, artigos que se adequassem à metodologia proposto e pudessem ser utilizados na discussão.

A terceira etapa dessa pesquisa consistiu na realização de um levantamento, definido como definido como uma pesquisa onde se interroga a população de estudo diretamente sobre o fenômeno a ser estudado, obtendo-se após posterior análise, os resultados correspondentes, com a possibilidade de ir ao encontro direto com o conhecimento da realidade e a quantificação das informações (GIL, 2002). Para esse levantamento, os pesquisadores optaram pela utilização de um instrumento de dados constituído por um termo de consentimento

livre e esclarecido¹ (com via do pesquisador, e do entrevistado), um questionário sócio demográfico² e o questionário Dental Enviromental Stress (DES), desenvolvido por Garbee em 1980 e adaptado pelo mesmo em 1981. A tradução e validação deste questionário para aplicação no Brasil, com as devidas adaptações culturais, foi realizada por Sangiorgio (2013), com tradução sob o nome de Estresse no Ambiente Odontológico (EAO)³, que também desenvolveu o questionário sócio demográfico utilizado em nossa pesquisa, sendo esse conjunto de formulários considerados como a ferramenta mais adequada a obtenção das informações buscadas pelos autores.

4.2 Atores

Os atores desta pesquisa são os estudantes regularmente matriculados no curso de odontologia da UFSC. Abre-se uma exceção para os estudantes ainda menores de idade, que foram excluídos da pesquisa devido à necessidade de autorização de um pai ou responsável para realização da mesma, tornando-se inviável para o método escolhido para os pesquisadores.

Por se tratar de uma população de um tamanho considerado não muito extenso, os autores optaram por recolher as informações de todos os integrantes do universo que sejam maiores de idade e concordem em participar da pesquisa, sendo, portanto esta pesquisa classificada como um levantamento, conforme classificação de Gil (2002).

4.3 Técnica para coleta de dados

A coleta de dados desta pesquisa foi se deu entre 27 de março e 24 de abril de 2015, no Centro de Ciências das Saúdes e no Centro de Ciências Biológicas, para os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, de 1ª a 10ª fase, excetuando-se os menores de idade, através do questionário Estresse no Meio Ambiente, desenvolvido por Garbee e adaptado para o Brasil por Sangiorgio, visando identificar os fatores estressores mais presentes entre os estudantes regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC e através do questionário sócio demográfico,

¹ ANEXO -- A -- TCLE

² ANEXO -- B -- QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

³ ANEXO -- C -- ESTRESSE NO AMBIENTE ODONTOLÓGICO

para obter dados relacionados à situação e ao perfil do estudante, que possam estar relacionados aos problemas dos fatores estressores deste estudo (SANGIORGIO, 2013).

Assim a entrevista envolveu riscos de desconforto e estresse emocional aos participantes, embora nenhuma dessas situações ou possíveis outras intercorrências foram relatadas pelos participantes, não havendo, portanto, necessidade de interromper os processos de aplicação do questionário.

4.4 Análise e interpretação de dados

A tabulação dos dados e sua análise se deu através da utilização do *software* Microsoft Excel 2010, onde os dados foram distribuídos conforme as variáveis previamente apresentadas. Para a análise estatística dos dados, optaram-se pelos métodos de ANOVA: fator único, um teste que examina a equidade entre as médias da população, para um resultado quantitativo, de uma variável única, onde se considerou como significante estatisticamente $p < 0,05$.

4.5 Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

A seguinte pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, através da Plataforma Brasil, no dia 19 de maio de 2014, sendo aprovado, mediante correções, no dia 26 de novembro de 2014, conforme consta no ANEXO E, sob o CAAE 33135014.7.0000.0121 e Número do Parecer 887.477.

4.6 Desenvolvimento da discussão

Por esta pesquisa utilizar um questionário definido, optou-se por realizar uma discussão com uma seleção mais criteriosa. Assim, uma Portfólio Bibliográfico foi construído através do método ProKnow-C (Knowledge Development Process – Constructivist), que permite a seleção de um portfólio bibliográfico de maneira sistemática, pela seleção de um banco de artigos brutos, pela filtragem do mesmo, onde, obteve-se uma seleção de 8 artigos relevantes, alinhados com o tema proposto e de reconhecimento científico. A única exceção foi a pesquisa de Sangiorgio (2013), que também validou o instrumento. Essa etapa do projeto foi transformada em um artigo científico intitulado “Portfólio bibliográfico sobre a presença de fatores estressores entre os estudantes

da graduação em Odontologia”, tendo como autores Vinícius Spiger, Alessandra Martins Ferreira Warmling e Cláudio José Amante.

4.7 Grupo de Pesquisa Envolvido

Este estudo está vinculado ao macroprojeto – A educação em odontologia no Brasil: aspectos pedagógicos, administrativos e institucionais, subprojeto – aspectos administrativos da educação odontológica, do GIPES. Este macroprojeto está devidamente registrado nesta IFES, por intermédio do número protocolar 2014.1295.

5 RESULTADOS

A aplicação dos questionários foi realizada entre de 27 de março e 24 de abril de 2015, na Universidade Federal de Santa Catarina, com os acadêmicos do Curso de Graduação em Odontologia, resultando num total de 282 participantes entre 1ª e 10ª fase, de um total entre 507 acadêmicos regularmente matriculados, com uma taxa de resposta de 55,62%.

Os alunos foram analisados conforme algumas variáveis sociodemográficas, que podem ser observadas na Tabela 1. Em relação a distribuição dos participantes quanto ao sexo houve predomínio do sexo feminino, com 198 participantes (70,21%), como pode ser observado no Gráfico 1. Em relação a distribuição quanto a faixa etária, os participantes desse estudo foram dos 18 aos 32 anos, e, conforme disposto no Gráfico 2, a maior parte está nas faixas etárias mais jovens, dos 18 aos 20 anos (40,07%) e dos 21 aos 23 anos (40,43%), sendo que apenas 2 participantes não informaram sua idade. A variável Estado Civil, por sua vez, apresentou grande predomínio entre os solteiros, com quase totalidade da amostra (93,26% dos participantes), quando comparada, apenas 12 pessoas declararam-se casadas (4,26%), 4 declararam-se em Outras condições de Estado Civil (1,42%) e 3 participantes optaram por não informar a atual condição (1,06%).

Distribuição dos participantes quanto ao
sexo

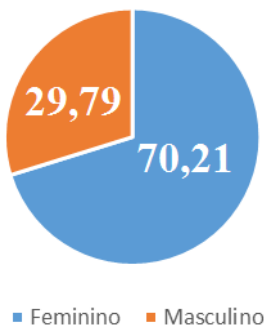


Gráfico 1. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Sexo. Florianópolis, 2015.

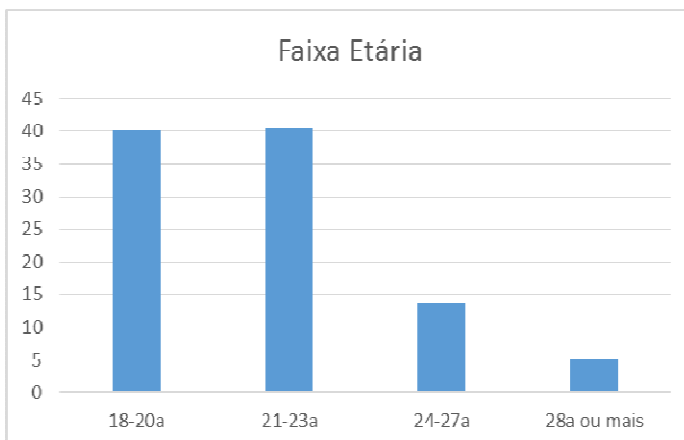


Gráfico 2. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Faixa Etária. Florianópolis, 2015.

Na questão referente à condição atual de moradia, foi constatado que a maior parte dos estudantes reside com os pais ou parentes, totalizando 42,55% dos participantes, seguida do grupo que reside com outras pessoas em casas ou apartamentos (30,14%). Dentre os participantes, apenas 21,99% residem sozinhos (62 indivíduos), sendo que somente 11 declararam viver com um cônjuge e/ou com filhos (3,90%). Em relação à moradia em habitações coletivas, tais quais repúblicas estudantis, dois participantes alegaram essa categoria (0,71%). Nenhum participante declarou-se habitante da Moradia Estudantil da UFSC e dois participantes optaram por não informar a condição atual de moradia. Essa distribuição pode ser observada no Gráfico 3. Dentre os participantes desse estudo, prevalecem os estudantes originários do próprio estado, considerando que 124 (43,97%) destes necessitaram mudar de cidade e 114 (40,43%) já habitavam Florianópolis, comparado os 42 participantes (14,89%) que alegaram ter mudado de estado para cursar a universidade. Apenas 2 indivíduos (0,71%) declararam ter mudado de país para a realização do curso, como pode ser observado no Gráfico 4.

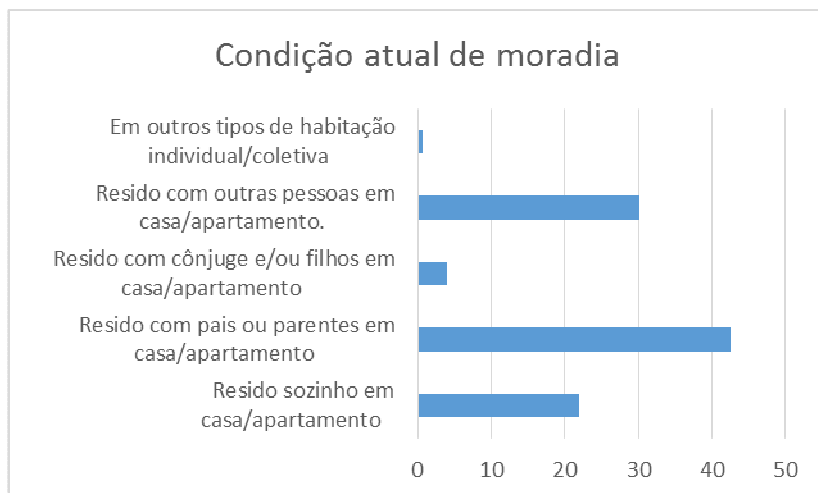


Gráfico 3. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Condição atual de moradia. Florianópolis, 2015.

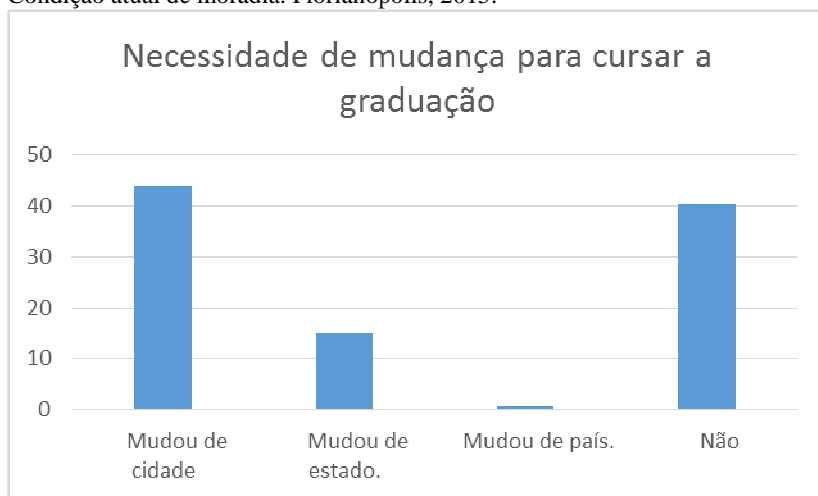


Gráfico 4. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Necessidade de mudança para cursar a graduação. Florianópolis, 2015.

A maioria dos participantes do seguinte estudo declarou não apresentar renda, sendo totalmente financiados por outras pessoas (88,65%), sendo que 30 participantes trabalham, mas também recebem auxílio financeiro de outras pessoas (10,64%) e apenas 2 participantes (0,71%) declararam ter renda e também contribuir para o sustento da

família. Isso vem de acordo com a situação de trabalho dos participantes, na qual 252 declararam não trabalhar (89,36%), com 14 indivíduos que trabalham de forma eventual (4,96%), 15 participantes trabalhando até 20 horas semanais (5,32%) e apenas 1 dos participantes alegou trabalhar mais que 20 horas, mas menos que 40 horas semanais (0,36%). Assim, a tendência da maioria dos acadêmicos não trabalharem ou possuírem renda própria ode ser observada nos Gráficos 5 e 6.

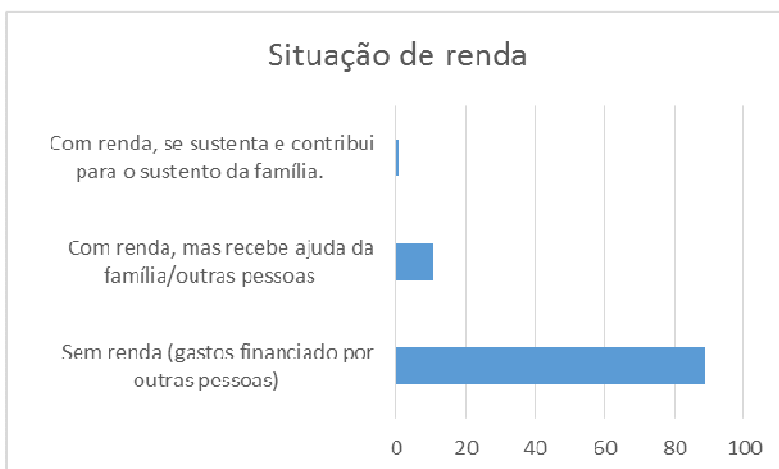


Gráfico 5- Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Situação de renda. Florianópolis, 2015.

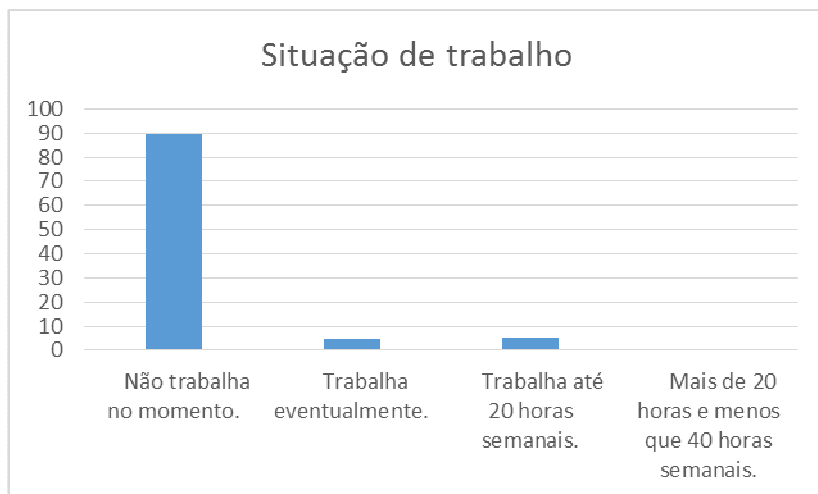


Gráfico 6- Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Situação de Trabalho. Florianópolis, 2015

Tabela 1 – Distribuição dos alunos participantes conforme a as variáveis: Sexo, Faixa Etária, Estado Civil, Condição de Moradia, Necessidade de mudança para cursar a graduação, Situação de Renda e Situação de Trabalho. Florianópolis, 2015.

(Continua)

Variável	N	%
Sexo (n=282)		
Feminino	198	70,21
Masculino	84	29,79
Faixa Etária (n=282)		
18 aos 20 anos	113	40,07
21 aos 23 anos	114	40,43
24 aos 26 anos	39	13,83
27 anos ou mais	14	4,96
Não informado	2	0,71
Estado Civil (n=282)		
Solteiro(a)	263	93,26
Casado(a)	12	4,26
Outros	4	1,42
Não informado	3	1,06

Tabela 1 – Distribuição dos alunos participantes conforme a as variáveis: Sexo, Faixa Etária, Estado Civil, Condição de Moradia, Necessidade de mudança para cursar a graduação, Situação de Renda e Situação de Trabalho. Florianópolis, 2015.

Variável	(Conclusão)	
	N	%
Condição de moradia (n=282)		
Resido sozinho em casa/apartamento	62	21,99
Resido com pais ou parentes em casa/apartamento	120	42,55
Resido com cônjuge e/ou filhos em casa/apartamento	11	3,90
Resido com outras pessoas em casa/apartamento.	85	30,14
Em outros tipos de habitação individual/coletiva	2	0,71
Não informado	2	0,71
Necessidade de mudança para cursar a graduação (n=282)		
Mudou de cidade	124	43,97
Mudou de estado.	42	14,89
Mudou de país.	2	0,71
Não	114	40,43
Situação de Renda (n=282)		
Sem renda (gastos financiado por outras pessoas)	250	88,65
Com renda, mas recebe ajuda da família/outras pessoas	30	10,64
Com renda, se sustenta e contribui para o sustento da família.	2	0,71
Situação de Trabalho(n=282)		
Não trabalha no momento.	252	89,36
Trabalha eventualmente.	14	4,96
Trabalha até 20 horas semanais.	15	5,32
Mais de 20 horas e menos que 40 horas semanais.	1	0,36

Além disso, os autores avaliaram também variáveis relacionadas a questões abordando a situação acadêmica atual, como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 2 – Distribuição dos alunos participantes conforme a as variáveis: Permanência na turma que ingressou no vestibular; Reprovação e Horas dedicadas ao estudo. Florianópolis, 2015.

Variável	N	%
Permanência na turma em que ingressou no vestibular (n=282)		
Sim	200	70,92
Não	82	29,08
Reprovação (n=282)		
Não	207	73,40
Sim	75	26,60
Horas dedicadas ao estudo (n=282)		
Nenhuma, somente assiste às aulas.	10	3,55
De 1 a 3 horas semanais.	85	30,14
De 4 a 7 horas semanais.	97	34,40
De 8 a 12 horas semanais.	55	19,50
Mais de 12 horas semanais.	33	11,70

A maioria dos acadêmicos que participaram desse estudo mantém-se na mesma turma na qual ingressaram no vestibular (70,92%), sendo que apenas 82 alunos (29,08%), declararam não estar na mesma turma. Em relação à reprovação, 75 dos participantes alegaram ter alguma reprovação (26,60%), embora a maioria (73,40%) não possui reprovações, como pode ser observado no Gráfico 7. A diferença entre a permanência na turma e o número de reprovações pode se dar pelo fato que algumas disciplinas podem ser cursadas novamente sem prejuízo para o andamento do semestre seguinte, bem como pela existência de programas de Intercâmbio acadêmico, onde, mesmo sem reprovação, o aluno acaba mudando de turma.

Em relação ao tempo dedicado ao estudo, observa-se que a maior parte dos participantes estuda de 4 a 7 horas semanalmente, além daquelas horas exigidas em sala de aula, com 97 dos participantes alegando tal quantidade de estudo (34,40%). O segundo grupo mais frequente foi o de 1 a 3 horas de estudo semanais, com 85 indivíduos

(30,14%). Observa-se também que os grupos menos frequentes foram as extremidades das opções: mais de 12 horas por semana (com 11,70% dos participantes) e nenhuma hora de estudo além das aulas (3,55%), como pode ser evidenciado de forma mais clara no Gráfico 8.



Gráfico 7. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Reprovação. Florianópolis, 2015.

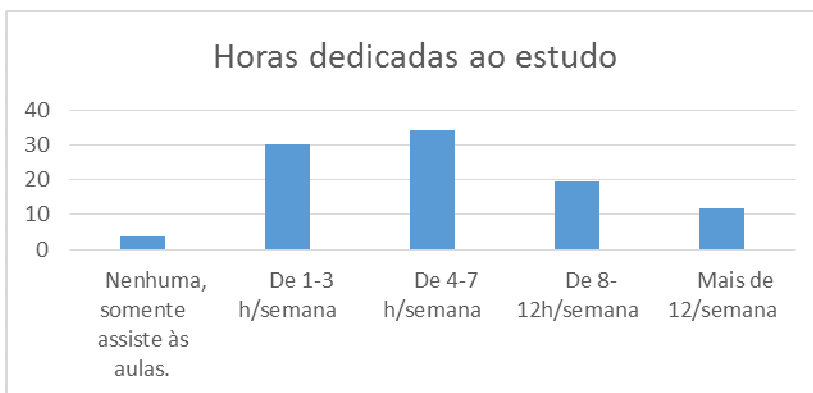


Gráfico 8. Relação dos alunos participantes da pesquisa conforme a variável Horas dedicadas ao estudo. Florianópolis, 2015.

Atualmente, o Curso de Graduação em Odontologia da UFSC é formado por disciplinas de diversos departamentos, entre eles, o

Departamento de Odontologia. Assim, considerando que a orientação do curso e seus conteúdos englobam as áreas de Ciências Biológicas da Saúde, Ciências Humanas e Sociais, Ciências Odontológicas e disciplinas complementares, os autores, avaliando a Grade Curricular atual e o Projeto Político Pedagógico, optaram por uma abordagem classificatória dos alunos não somente pelo semestre em que encontram, considerando também as diversas etapas acadêmicas, tendo como base as diferenças ao longo dos semestres e vivenciadas pelos acadêmicos. Assim, os alunos foram classificados nos seguintes grupos:

- **Primeiro ano:** esse grupo englobou alunos pertencentes ao 1º e 2º semestre da universidade, os quais estão voltados a disciplinas de cunho teórico e prático de diversos departamentos, bem como também disciplinas do próprio Departamento de Odontologia (Bioética e Biossegurança aplicada à Odontologia). Por tratar-se do primeiro ano universitário, e, portanto, uma etapa de adaptação, os dois primeiros semestres foram agrupados, visto que antecedem a etapa pré-clínica e representam uma importante fase da formação acadêmica.
- **Etapá pré-clínica:** o segundo grupo proposto engloba alunos do 3º ao 5º semestre, onde se iniciam os trabalhos de disciplinas pré-clínicas e laboratoriais do Departamento, mas ainda não existem atividades clínicas específicas, abordando também uma mistura entre disciplinas de outros departamentos com disciplinas do Departamento de Odontologia. Por se tratar de um relevante período de formação, onde há o preparo do aluno para a atividade clínica de forma mais direta, considerou-se como um importante grupo a ser avaliado.
- **Etapá clínica:** O terceiro grupo envolve acadêmicos da 6ª a 8ª fase, que cursam da Clínica I a Clínica III, disciplinas mais voltadas para o aprendizado da prática clínica e ao atendimento de pacientes, em grau crescente de complexidade técnica. Nessa etapa, predominam as disciplinas do Departamento de Odontologia, incluindo disciplinas teóricas, pré-clínicas, além das supracitadas disciplinas de prática clínica.

- **Estágio:** O último grupo envolve os dois últimos semestres do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, onde há o predomínio de créditos dos estágios atualmente existentes (Estágio Supervisionado em Clínica Integrada do Adulto e do Idoso, Estágio Supervisionado da Criança e do Adolescente e Estágio Supervisionado Interdisciplinar). Como essa etapa da formação acadêmica visa fazer um elo entre o acadêmico e o futuro profissional, os pesquisadores consideram importante sua classificação.

A distribuição dos alunos conforme o grupo analisado pode ser observada na Tabela 1. Houve prevalência do ciclo pré-clínico, com 98 participantes (34,75%), seguido do 1º ano, com 64 participantes (22,70%), embora não houveram grandes diferenças entre os demais grupos, com o menor grupo (Ciclo de Clínicas), com 59 participantes (20,92%), demonstrando uma distribuição regular entre o número de participantes por etapas.

Tabela 3 – Distribuição dos alunos participantes conforme a classificação de etapas acadêmicas do Curso de Graduação em Odontologia. Florianópolis, 2015.

Etapas acadêmicas	N	%
1º ano	64	22,70
Ciclo Pré-clínica	98	34,75
Ciclo Clínicas	59	20,92
Estágio	61	21,63
Total	282	100

Os resultados em relação a análise dos fatores estressores estão presentes abaixo, na Tabela 4, distribuídos pelas Etapas Acadêmicas do curso previamente discutidas. A média geral dos fatores estressores entre os participantes foi de **2,43** (desvio padrão 1,09), localizando-se entre Levemente estressante e Moderadamente estressante.

Considerando-se a etapa acadêmica em que os alunos foram classificados, a média entre os fatores estressores foi maior entre os alunos que já atuam em atividade clínica, com os participantes classificados na Etapa Clínica apresentando uma média de **2,61** (desvio-padrão 1,08) e para os alunos do Estágio uma média de **2,52** (desvio

padrão 1,09). A Etapa Pré-Clínica apresentou uma média um pouco abaixo desses valores, com **2,42** (desvio-padrão 1,07). O grupo com menor média foi o de alunos do 1º ano da universidade, que apresentaram uma média **2,13** (desvio padrão 1,08), se aproximando consideravelmente de Levemente estressante.

Tabela 4 – Média do nível dos fatores estressores entre os alunos participantes da pesquisa, conforme a Etapa Acadêmica em que se encontram. Florianópolis, 2015.

(Continua, 1 de 3)						
Fator estressor	1º ano	Pré-clínica	Clínica	Estágio	Total	p<0,05
Quantidade de trabalho exigido em sala de aula	1,89 (0,92)	2,48 (0,79)	2,56 (0,86)	2,67 (0,93)	2,41 (0,91)	*
Falta de cooperação dos pacientes nos cuidados que devem tomar em casa	2,19 (0,83)	2,5 (0,5)	2,53 (0,79)	2,17 (0,69)	2,32 (0,91)	
Dificuldades em sala de aula	2,03 (0,61)	2,14 (0,58)	2,12 (0,77)	2,26 (0,72)	2,14 (0,81)	
Responsabilidades pelo cuidado com a saúde do paciente de forma integral	2,05 (0,83)	2,33 (0,71)	2,53 (1,15)	2,38 (0,94)	2,39 (0,99)	
Competitividade por notas	1,93 (1,07)	2,24 (1,03)	2,2 (1,31)	1,81 (1,06)	2,07 (1,06)	
Atraso ou falta de pacientes nas consultas	2,37 (0,92)	2,5 (0,94)	3,00 (0,88)	3,33 (0,67)	3,03 (0,94)	*
Provas e notas	3,07 (0,73)	3,45 (0,52)	3,47 (0,68)	3,18 (0,75)	3,31 (0,82)	*
Dificuldade de aprender procedimentos clínicos	2,26 (0,87)	2,16 (0,62)	2,66 (1,02)	2,22 (0,71)	2,34 (0,91)	*
Ambiente criado pelo corpo docente	1,63 (0,65)	2,29 (0,68)	2,88 (0,79)	3,07 (0,94)	2,46 (1,01)	*

Tabela 4 – Média do nível dos fatores estressores entre os alunos participantes da pesquisa, conforme a Etapa Acadêmica em que se encontram. Florianópolis, 2015.

Fator estressor	(Continua, 2 de 4)					p<0,05
	1º ano	Pré-clínica	Clínica	Estágio	Total	
Interações com pessoas do sexo oposto	1,2 (0,39)	1,18 (0,28)	1,39 (0,56)	1,19 (0,19)	1,23 (0,59)	
Receber críticas do trabalho realizado	2,07 (0,93)	2,37 (1,08)	2,47 (0,77)	2,3 (1,06)	2,32 (0,99)	
Dificuldade de aprender habilidades manuais de precisão exigidas no trabalho pré-clínico e de laboratório	2,04 (0,86)	2,09 (0,78)	2,78 (1,04)	2,29 (0,81)	2,32 (0,97)	*
Falta de confiança em ser um estudante de odontologia bem sucedido.	2,08 (1,18)	2,54 (1,09)	2,88 (0,92)	2,64 (1,18)	2,54 (1,07)	*
Falta de autoconfiança em ser um dentista bem sucedido.	2,02 (1,14)	2,5 (1,04)	2,95 (0,89)	2,64 (1,22)	2,52 (1,07)	*
Falta de tempo para relaxar ou para lazer	2,55 (1,11)	3,10 (0,92)	3,29 (1,02)	3,05 (0,96)	3,00 (1,02)	*
Quantidade de desonestidades acadêmicas na faculdade de odontologia (cola em provas, falsificação de assinaturas ou prontuários)	1,83 (0,99)	2,17 (1,05)	2,25 (0,92)	2,11 (1,08)	2,1 (1,01)	
Regras e regulamentos da faculdade de Odontologia	1,48 (0,45)	2,30 (0,87)	2,53 (1,15)	2,73 (1,03)	2,26 (1,03)	*
Realizar tratamentos em pacientes com bocas sem higiene adequada	2,47 (1,14)	2,31 (0,50)	2,35 (0,75)	2,52 (1,14)	2,43 (0,95)	
Falta de atmosfera familiar nas residências estudantis/repúblicas durante a faculdade.	2,12 (0,83)	2,16 (1,22)	2,31 (1,22)	1,82 (1,03)	2,12 (1,05)	
Completar os requisitos para a graduação (Notas/Produção clínica/Estágio)	2,44 (1,00)	3,02 (0,70)	3,17 (0,71)	3,02 (0,93)	2,94 (0,93)	*

Tabela 4 – Média do nível dos fatores estressores entre os alunos participantes da pesquisa, conforme a Etapa Acadêmica em que se encontram. Florianópolis, 2015.

(Continua, 2 de 4)

Fator estressor	1º ano	Pré-clínica	Clínica	Estágio	Total	p<0,05
Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade	2,48 (0,86)	3,17 (0,68)	3,25 (0,64)	3,08 (1,01)	3,01 (0,93)	*
Diferenças entre as expectativas em relação à faculdade e a realidade encontrada.	2,17 (1,12)	2,45 (0,89)	2,93 (0,91)	3,07 (0,7)	2,62 (1)	*
Falta de participação nos processos de tomada de decisão da faculdade.	1,89 (0,93)	2,30 (0,91)	2,33 (0,96)	2,54 (1,04)	2,27 (0,99)	*
Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano.	3,37 (0,65)	3,19 (1,02)	3,02 (1,15)	2,93 (1,18)	3,14 (1)	
Insegurança em relação ao futuro profissional.	2,55 (1,01)	2,92 (0,95)	3,07 (0,89)	2,95 (0,83)	2,87 (0,98)	*
Responsabilidades financeiras.	2,59 (0,83)	2,64 (1,21)	2,97 (1,23)	2,73 (1,01)	2,72 (1,05)	
Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola.	2,58 (1,11)	3 (0,68)	3,12 (0,93)	3 (0,85)	2,93 (0,94)	*
Considerar entrar em outra área de trabalho	1,57 (0,81)	1,97 (1)	2,17 (1,12)	2,41 (1,18)	2,00 (1,04)	*
Dificuldades de assumir compromissos conjugais (morar junto, noivado, casamento) devido ao curso de odontologia	1,82 (1,01)	2,04 (1,13)	2,35 (1,08)	2,32 (1,36)	2,13 (1,08)	*
Saúde física pessoal	2,06 (1,20)	2,74 (1,12)	2,54 (0,93)	2,52 (1,34)	2,41 (1,12)	*
Atitudes discriminatórias da comunidade universitária em relação a estudantes de odontologia do sexo feminino	1,73 (1,32)	1,69 (0,92)	2,07 (1,13)	1,49 (0,66)	1,74 (1,0)	
Conflito com a família sobre o futuro da profissão	1,53 (0,83)	1,68 (1,05)	1,70 (1,02)	1,59 (0,75)	1,62 (0,96)	
Discriminação devido à raça, status social ou grupo étnico	1,78 (1,42)	1,43 (0,80)	1,59 (1,10)	1,68 (1,27)	1,59 (1,05)	

Tabela 4 – Média do nível dos fatores estressores entre os alunos participantes da pesquisa, conforme a Etapa Acadêmica em que se encontram. Florianópolis, 2015.

(Conclusão, 4 de 4)

Fator estressor	1º ano	Pré-clínica	Clínica	Estágio	Total	p<0,05
Incompatibilidade entre as avaliações dadas sobre seu trabalho entre diferentes professores	1,88 (1,13)	2,2 (1,06)	2,64 (1,27)	2,81 (0,81)	2,38 (1,08)	*
Medo de ser incapaz de me recuperar se eu ficar para trás nos estudos	2,87 (1,44)	2,78 (1,21)	2,65 (1,19)	2,55 (1,15)	2,73 (1,09)	
Atitudes discriminatórias da comunidade universitária em relação aos estudantes de odontologia homossexuais	1,95 (1,51)	1,81 (1,04)	2,05 (1,08)	1,92 (1,56)	1,92 (1,09)	
Total	2,13 (1,08)	2,42 (1,07)	2,61 (1,08)	2,52 (1,09)	2,43 (1,09)	

Legenda: Os valores são dados em Média e (Desvio-padrão). * = p<0,05.

Os fatores estressores foram avaliados conforme sua média de 1 a 4 entre os alunos que os classificaram em algum grau de pertinência. Assim, as maiores médias entre os diferentes fatores estressores, conforme sua relevância aos alunos, entre toda a população, foram, em ordem decrescente, com suas respectivas médias: “Provas e notas” (3,31), “Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano” (3,14), “Atraso ou falta dos pacientes” (3,03), “Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade” (3,01), “Falta de tempo para relaxar ou para lazer” (3,00).

Entre os alunos do 1º ano, os fatores estressores mais frequentes e suas respectivas médias foram, em ordem decrescente: “Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano” (3,37), “Provas e Notas” (3,07), “Medo de ser incapaz de me recuperar se eu ficar para trás nos estudos” (2,87), “Responsabilidades Financeiras” (2,59) e “Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola” (2,58).

Os alunos da Etapa Pré-Clínica também apresentaram como maior fator estressor o quesito “Provas e Notas” (3,45), seguido de “Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano” (3,19), “Conciliar

vida pessoal com as rotinas da faculdade” (3,17), “Falta de tempo para relaxar ou para lazer” (3,10) e “Completar os requisitos para a graduação” (3,02). Sua média geral foi superior aos alunos do 1º ano, mas inferior aos alunos das fases mais avançadas.

A Etapa Clínica foi o grupo de alunos que apresentou maior média entre os fatores estressores (2,61). Entre eles, foram apontados como os cinco fatores mais estressores: “Provas e notas” (3,47), “Falta de tempo para relaxar ou lazer” (3,29), “Completar os requisitos para a graduação” (3,17), “Falta de tempo fazer os trabalhos exigidos pela escola” (3,12) e “Insegurança em relação ao futuro profissional” (3,07).

Entre os alunos participantes provenientes do Estágio, a média geral dos fatores estressores foi a segunda mais alta, com 2,43. Entre os fatores estressores mais evidenciados pelos alunos estão, em ordem de decrescente, “Atraso ou falta de pacientes nas consultas” (3,33), “Provas e notas” (3,18), “Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade” (3,08), “Diferenças entre as expectativas em relação à faculdade e a realidade encontrada” (3,07) e “Ambiente criado pelo corpo docente” (3,07).

Frente a análise estatística ANOVA: fator único, alguns dos fatores estressores apresentaram $p < 0,05$ na comparação entre suas médias nas diferentes etapas acadêmicas. Entre estes, alguns padrões destacaram-se: o primeiro padrão envolve o aumento na média do fator estressor conforme se progride nas etapas acadêmicas. Entre eles, estão: “Quantidade de trabalho exigido em sala de aula”, “Atraso ou falta de pacientes nas consultas”, “Ambiente criado pelo corpo docente”, “Diferenças entre as expectativas em relação à faculdade e a realidade encontrada”, “Falta de participação nos processos de tomada de decisão da faculdade”, “Considerar entrar em outra área de trabalho”, “Incompatibilidade entre as avaliações dadas sobre seu trabalho entre os diferentes professores”.

O segundo padrão observado foi um maior nível de estresse entre os alunos da Etapa Clínica, seguido pelos alunos do Estágio, da Pré-Clínica e do 1º ano, como observado na distribuição da média geral acima descrita. Essa distribuição observou-se para os seguintes fatores estressores “Dificuldade de aprender procedimentos clínicos”, “Dificuldade de aprender habilidades manuais de precisão exigidas no trabalho pré-clínico e de laboratório”, “Falta de confiança em ser um estudante de odontologia bem sucedido”, “Falta de autoconfiança em ser um dentista bem sucedido”, “Insegurança em relação ao futuro profissional”, “Dificuldades de assumir compromissos conjugais”.

Outro padrão observado em alguns fatores estressores que apresentaram $p < 0,05$ em relação a Etapa Acadêmica dos participantes foi a predominância da Etapa Clínica com maior média, seguida da Etapa Pré-Clínica (separadamente ou concomitantemente ao Estágio), envolvendo os seguintes fatores estressores: “Provas e notas”, “Falta de tempo para relaxar ou para lazer”, “Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola”, “Completar os requisitos para a graduação”, “Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade”. Exceção foi para o fator estressor “Saúde física pessoal”, que apresentou maior média para os participantes da Etapa Pré-clínica, seguido da Etapa Clínica e do Estágio.

6 DISCUSSÃO

Este trabalho é o primeiro a abordar os fatores estressores entre os estudantes de odontologia em uma universidade catarinense. Trata-se, portanto, de um tema que necessita de maior discussão e pesquisa. Assim, essa pesquisa foi realizada dentro de um contexto específico, no caso, os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, limitando assim, nosso estudo a uma amostra específica: nossa instituição de ensino.

O Curso de Graduação em Odontologia da UFSC é dividido atualmente em 10 semestres. Cada uma dessas etapas apresenta diversas peculiaridades, por abordar diferentes fases do ensino, como mencionado em nossos resultados para elaborar uma classificação entre os alunos.

Dentro desse universo, a nossa população consistiu de 282 participantes, que eram majoritariamente mulheres (70,21%), com maior parte dos participantes entre os 18 aos 23 anos (80,5%), sendo que a maioria dos participantes reside com pais ou parentes (42,55%) ou com outras pessoas (30,14%), embora ainda 21,99% residam sozinhos. A maioria de nossa população é proveniente de Santa Catarina, sendo que apenas 43,97% dos participantes mudaram de cidade para realização do curso de graduação. Predominam os estudantes que não trabalham e não tem renda (respectivamente 89,36% e 88,65%). A maioria dos alunos que participou dessa pesquisa nunca reprovou (73,40%) e, em relação ao tempo dedicado aos estudos, 30,14% afirmaram estudar de 1 a 3 horas semanais além das aulas e 34,40% de 4 a 7 horas.

Esses dados vêm de acordo com o encontrado na literatura entre outras universidades que abordaram o tema. Em uma pesquisa realizada em Londrina, observou-se também o predomínio do sexo feminino, representando 72,89% da população, com 89,9% solteiros e uma média de idade de 21,87 anos, sendo que 64% moravam sozinhos ou com outras pessoas. A maioria desses dados também foi observada em outros países, destacando-se a prevalência do sexo feminino em estudos realizados em países como Turquia, Jordânia, República do Fiji, Chile, Argentina e Índia (NAIDU et al., 2002; ACHARYA, 2003; MORSE; DRAVO, 2007; KUMAR et al., 2009; ABU-GHAZALEH et al., 2012; FONSECA et al., 2012; URAZ et al., 2013).

Em relação à presença de fatores estressores entre os estudantes de odontologia da UFSC, observou-se que nossos alunos encontram-se estressados, com uma média geral de **2,43**, situando-se entre o Levemente Estressado e o Moderadamente Estressado. Valor similar ou

pouco abaixo encontrado em outros estudos como os de Uraz e colaboradores (2013), na Turquia, onde identificaram uma média de 2,5, assim como Morse e Dravo (2007), na República do Fiji, que apresentou uma média geral de 2,52, sendo levemente superior ao encontrado na Jordânia, 2,40, por Abu-Ghazaleh e colaboradores (2011). Observa-se assim que o padrão assemelha-se entre diferentes universidades, visto que muitos dos fatores estressores provenientes do ensino odontológico repetem-se devido ao próprio caráter da odontologia.

Em nossa pesquisa, observamos que há um aumento da média do estresse conforme o avanço na etapa em que o acadêmico se encontra, tendo seu pico na Etapa Clínica, e diminuindo um pouco no último ano, que envolve os Estágios. Entre alunos do 1º ano, a média foi de 2,18, bastante aproximada de Levemente Estressante. Esse valor encontra-se levemente abaixo de quase todas as pesquisas encontradas na literatura, que apontam valores entre 2,3 a 2,38, com exceção de um estudo feito nas Índias Ocidentais, onde a média foi 1,58 de em uma escala de 0 a 5 (NAIDU et al., 2002; ACHARYA, 2003; ABU-GHAZALEH et al., 2009; URAZ et al., 2013).

A Etapa Pré-Clínica que envolve o 2º ano e o 5º semestre de nosso currículo apresentou uma média de 2,42, apresentando um significativo aumento em relação ao 1º ano da universidade, visto que novas exigências entram na rotina do aluno, devido ao ensino laboratorial de diversas habilidades envolvidas com a prática odontológica, que até então, não eram fatores estressores significativos entre os alunos. Avaliando o 2º ano em outros estudos presentes na literatura, observa-se média semelhante ou inferior, como na Jordânia (2,42) e Turquia (2,45), mas superior ao valor observado na Índia (2,2), estando assim, de forma geral, de acordo com o encontrado na literatura (ACHARYA, 2003; ABU-GHAZALEH et al., 2011; URAZ et al., 2013).

A Etapa Clínica, composta por alunos do 6º semestre e do 4º ano apresentou a maior média entre os fatores estressores de todos os grupos, com 2,61. Esse valor está acima do encontrado na Índia, onde alunos do 3º e do 4º ano apresentaram uma média de 2,4, mas levemente inferior a Jordânia, onde a média foi de 2,7, ou a Turquia, onde a média foi de 2,61, sendo que para Acharya (2003), os níveis estressores aumentam no 4º ano devido a necessidade de uma produção mínima exigida na clínica (ACHARYA, 2003; ABU-GHAZALEH et al., 2011; URAZ et al., 2013).

Por fim, a Etapa do Estágio, representada por alunos do 5º ano do curso de graduação em odontologia da UFSC, apresentou redução da

média em relação à Etapa Clínica, mas ainda estando elevado em relação ao 1º ano e a Etapa Pré-Clínica, apresentando assim uma média 2,52. Esse resultado está acima dos valores encontrados em outros estudos, como na Turquia, com 2,40 para o 5º ano e nas Índias Ocidentais, com 2,61 (em uma escala de 0 a 5), sendo inferior somente aos valores da Jordânia, onde os alunos do último ano apresentaram uma média de 2,7 (NAIDU et al., 2002; ABU-GHAZALEH et al., 2011; URAZ et al., 2013).

A análise da média, entretanto, não é suficiente para uma compreensão mais completa o real significado da distribuição dos fatores estressores entre os acadêmicos do curso, porque, assim como alguns deles são, de forma geral, considerados pouco estressantes, como as interações com o sexo oposto, outros, como provas e notas, estão em um grau mais elevado como potencial estressor. Assim, de uma forma geral, os cinco fatores estressores mais prevalentes encontrados em nossa população (“Provas e notas”, “Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano”, “Atraso ou falta dos pacientes”, “Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade”, “Falta de tempo para relaxar ou para lazer”), também foram observados em outras pesquisas, sendo que alguns outros fatores também apareceram entre os mais estressores de forma geral como o atraso ou falta de pacientes nas consultas e a quantidade de trabalho exigida, a quantidade de desonestidades encontradas no curso, as regras e regulamentos e também a atmosfera criada pelo corpo docente. Na pesquisa realizada na Universidade Estadual de Londrina, os fatores estressantes mais observados foram os mesmos encontrados em nosso estudo, com exceção do item “Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade”, que ficou atrás das inseguranças quanto ao futuro profissional, o que demonstra certa similaridade entre os fatores estressores mais prevalentes nas diferentes universidades observadas (MORSE; DRAVO, 2007; KUMAR et al., 2009; FONSECA et al., 2012; SANGIORGIO, 2013).

Além dessa análise, observamos que alguns fatores estressores variam, tornando-se mais ou menos estressante conforme a etapa em que os acadêmicos estão. Entre os alunos do primeiro ano, os fatores estressores de maior média foram principalmente relacionados a questões como o medo da reprovação (com 3,37) e da incapacidade de se recuperar nos estudos (2,87), além das Provas e Notas (3,07), demonstrando o grau de estresse decorrente das exigências teóricas nessa etapa. Além disso, os outros dois fatores estressores mais presentes foram as Responsabilidades Financeiras (2,59), que se destacou somente nesse grupo, possivelmente por serem alunos que

estão em um processo de adaptação a uma nova vida, como levantado em estudos mais amplos pela ANDIFES (2011), por exemplo. O último fator estressor de destaque no 1º ano foi a Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola (2,58), que faz parte de um quadro observado em outras etapas da formação acadêmica, onde devido a demasiadas atividades, os alunos sentem-se estressado pela falta de tempo para realizar diversas atividades, sejam elas acadêmicas ou pessoais.

Os dados encontrados vêm de acordo com o observado em outros estudos, como nas Índias Ocidentais, onde o Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano chegou a 3,42, enquanto as avaliações chegaram a 3,2 (em uma escala de 0 a 5). Já na Turquia, um fator considerado pouco estressor em nossa população, as Interações com o sexo oposto, apresentou-se entre um dos maiores fatores estressores do 1º ano, com 3,00 (NAIDU et al., 2002; URAZ et al., 2013).

Para Polychronopoulou e Divaris (2005), os alunos que estão ingressando na universidade, bem como os da etapa pré-clínica, estão mais preocupados com questões relativas à carga de trabalho e com provas e notas. Em nossa pesquisa, os fatores estressores mais prevalentes na Etapa Pré-Clínica foram também principalmente relacionados às avaliações (Provas e Notas, com média 3,45), o medo de reprovação (3,19), seguido de questões como Conciliar vida pessoal com as rotinas de faculdade (3,17) e a Falta de tempo para relaxar ou para lazer (3,10), além de um novo fator, mais relacionado às exigências pré-clínicas (e posteriormente, também clínicas) da graduação: Completar os requisitos para a graduação (3,02), vindo de acordo com o enunciado pelos autores supracitados. Além disso, podemos observar que, ao contrário do primeiro ano, os fatores estressores citados apresentaram-se entre Moderadamente Estressante e Muito estressante.

Naidu e colaboradores (2002) observaram que no 2º ano, as provas, o medo de reprovação e de ficar para trás, juntamente com a falta de participação nos processos de tomada de decisões da universidade, a competição por notas e a insegurança profissional foram os fatores mais estressores. Já Uraz e colaboradores (2013) apontam também a falta de tempo para relaxar (que chegou a 3,27), para o 2º ano. Na mesma pesquisa, a média para Provas e Notas foi 3,14, inferior ao observado em nossa população.

Com o início da Etapa Clínica, novos fatores estressores começam a fazer parte da rotina dos acadêmicos de odontologia, pois há um novo tipo de aprendizagem e um terceiro participante no processo, que também devido a relacionamento ou situações específicas, servir de

fonte para fatores estressores, que é o atendimento ao paciente. Para esses alunos, os fatores estressores prevalentes foram novamente Provas e Notas (3,47), a Falta de tempo para relaxar ou lazer (3,29), Completar os requisitos da graduação (3,17), a Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola (3,12) e, pela primeira vez em relação aos grupos anteriores, a Insegurança em relação ao futuro profissional (3,07). Podemos observar que a Etapa Clínica, por ter apresentado maior média para o estresse em relação aos outros grupos, apresenta também médias maiores para seus principais fatores estressores. Os fatores observados nesse grupo também apresentaram-se em outras pesquisas, sendo que outros fatores também apontados entre mais estressantes para o 4º ano foram as diferenças nas avaliações realizadas pelo corpo docente. Podemos observar assim uma tendência de influência de fatores acadêmicos e também pelas exigências do aprendizado da prática profissional nas clínicas. O início de treinamento clínico pode também estar associado à falta de tempo relatada, devido às exigências adaptativas para essa população (NAIDU et al., 2002; ACHARYA, 2003; KUMAR et al., 2005; POLYCHRONOPOULOU; DIVARIS, 2005; URAZ et al., 2013).

O último ano do curso, associado principalmente ao Estágio, apresenta uma grande carga-horária prática clínica quando comparada ao tempo reservado a atividades teóricas. Por apresentar um critério mais voltado ao preparo dos acadêmicos para o lado profissional, suas características também diferem das demais etapas universitárias. Assim, entre esse grupo, os fatores estressores mais comuns foram relacionados a atividades clínicas e teóricas, sendo o fator mais estressor o Atraso ou falta de pacientes nas consultas, com média de 3,33, evidenciando a importância das atividades clínicas para estes estudantes, seguido das Provas e Notas, com 3,18, conciliar a vida pessoal com as rotinas da faculdade, 3,08. Outros dois fatores, empatados em média, que apareceram para esse grupo foram as Diferenças entre as expectativas em relação à faculdade e a realidade encontrada e o Ambiente criado pelo corpo docente, ambos com 3,07. Sobre o primeiro, é interessante analisar que ele se torna no estágio, que serve de elo com o mundo profissional, um dos principais fatores estressores. Quanto ao segundo, atinge seu ápice nessa etapa, possivelmente porque há grande interação direta com professores orientadores nas clínicas, o que pode contribuir para uma maior percepção do ambiente do corpo docente.

Os fatores estressores encontrados no 5º ano na odontologia da UFSC diferem em certo grau dos resultados da pesquisa de Naidu e colaboradores (2002), que observaram como principal fator estressor o

Medo de reprovação, além de outros fatores como a Competição por Notas, os Cuidados com o Paciente, a diferença entre as avaliações entre os docentes e também as provas. Já Uraz e colaboradores (2013) observou fatores estressores mais semelhantes no 5º ano à realidade encontrada em nossa pesquisa, destacando o atraso e falta de pacientes, com 3,13 e a falta de tempo para relaxar, também com 3,13, seguidos da falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos (3,12).

Assim podemos observar que, mesmo que alguns fatores estressores estejam presentes em todas as etapas da graduação, como as Provas e Notas, outros, devido à própria dinamicidade característica da formação odontológica, que evolui gradualmente de campos teóricos a laboratoriais e clínicos, havendo um fluxo entre diferentes e novos fatores estressores conforme a evolução do curso. Nesse sentido, destacamos que alguns fatores estressores evoluíram conforme a progressão dos alunos nas etapas acadêmicas, como a quantidade de trabalho exigido em sala de aula, o atraso ou falta de pacientes nas consultas, as diferenças entre as expectativas em relação à faculdade e a realidade encontrada, a falta de participação nos processos de tomada de decisão da faculdade, a incompatibilidade entre as avaliações dadas sobre o trabalho entre diferentes professores, considerar entrar em outras áreas de trabalho e o ambiente criado pelo corpo docente.

Entre esses fatores, alguns destacam-se por estimular questionamentos que necessitam de avaliação e de um maior aprofundamento. O ambiente criado pelo corpo docente, por exemplo, é de 1,63 entre os alunos do primeiro ano, evoluindo até 3,07 para o último ano. A diferença entre os valores é bastante elevada. Morse e Dravo (2007) observaram a progressão desse fator estressor, progredindo gradualmente de 2,26 no primeiro ano para 3,05 no último ano. Outro fator a ser analisado é a consideração em entrar em outras áreas de trabalho, que progride conforme se avança na etapa acadêmica, sugerindo maiores investigações se há relação com as etapas encontradas. Naidu e colaboradores (2012), por sua vez, observaram também que as diferenças entre expectativa e realidade foram mais estressantes no 3º ao 5º ano do que em relação ao 1º e 2º ano, vindo de acordo com o encontrado em nosso estudo, bem como provas e regulamentos e a falta de tomada de decisões. Embora se especule que isso possa estar relacionado à maior proximidade com as atividades clínicas, é necessário um aprofundamento futuro maior para compreender tais processos.

Sangiorgio (2013), em sua pesquisa, identificou também as preocupações com o futuro profissional entre os estudantes do 5º ano,

bem como uma grande preocupação com a Atmosfera criada pelo corpo docente entre esses alunos, porque, embora haja encorajamento do raciocínio crítico e da autonomia, é necessária a aprovação do professor, o que gera um embate entre essa autonomia com a submissão. Além disso, Kumar e colaboradores (2009) identificaram que os estudantes dos anos clínicos consideram mais estressantes fatores relacionados ao ambiente educacional, quando comparados com a Etapa Pré-clínica.

Outro padrão que podemos destacar entre a distribuição do estresse observado nesta pesquisa foi o crescimento da média do fator estressor tendo seu ápice na Etapa Clínica e apresentando certo declínio no Estágio, como observado em fatores como Dificuldade de aprender procedimentos clínicos, Dificuldade de aprender habilidades manuais de precisão exigidas no trabalho pré-clínico e de laboratório, os problemas de confiança em relação a ser um estudante e um dentista, as inseguranças sobre o futuro profissional e as dificuldades de assumir compromissos conjugais. É compreensível que as dificuldades de aprender procedimentos sejam mais estressantes para esses alunos, porque é a época em que o aluno desenvolve suas habilidades manuais e clínicas, sendo uma importante etapa no processo de aprendizagem. Além disso, disciplinas como Prótese Total Pré-Clínica, Prótese Parcial Pré-Clínica, da 6ª fase e Ortodontia exigem também o ensino laboratorial relatado como estressante para essa etapa (visto que, embora predominante clínica, ainda apresenta créditos pré-clínicos). Entretanto, isso difere do encontrado por Morse e Dravo (2007), onde observaram que a menor média de estresse em relação ao aprendizado de procedimentos clínicos foi do 4º ano (1,17), bem como em relação às habilidades manuais e aos problemas de autoconfiança.

Para alguns fatores estressores, a Etapa Pré-Clínica apresentou-se como a segunda mais estressante, como para Provas e notas, Falta de tempo para relaxar ou para lazer, Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola, Completar os requisitos para a graduação, Conciliar a vida pessoal com as rotinas da faculdade, que podem estar associados à própria característica da época de formação, com novos conhecimentos e por isso, exigências teóricas e práticas.

Assim, podemos perceber que os fatores estressores decorrentes do ensino odontológico são observados também observados em outros países, dentro de outras culturas e outros contextos. Para Morse e Dravo (2007), as faculdades de odontologia em países em desenvolvimento trabalham com recursos limitados, devendo-se investigar se o nível de estresse também está relacionado ao nível de desenvolvimento dos diversos países.

muitos autores sugerem que as escolas odontológicas devem tomar atitudes para reduzir o estresse decorrente da formação (MORSE;DRAVO, 2007; KUMAR et al., 2009).

Para Abu-Ghazaleh e colaboradores (2011), o número de exigências clínicas elevadas está relacionado à crença geral que o alto nível de treinamento clínico é essencial para preparar estudantes para carreira. Já Polychronopoulou e Divaris (2005) sugerem a eliminação do sistema de treinamento clínico baseado em uma produção mínima, associado a um programa de redução de estresse como solução para o problema.

Em nossa opinião, o estudo dos fatores estressores, bem como do estresse decorrente da formação acadêmica, necessita ser aprofundado para que medidas venham ser discutidas e avaliadas, considerando que é um problema de saúde no âmbito da assistência estudantil, bem como nas questões de estudo e atendimento da população geral que utiliza os serviços das clínicas odontológicas universitárias.

7 CONCLUSÃO

Este estudo permitiu a identificação dos principais fatores estressores entre os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia, através da aplicação do questionário Estresse no Ambiente Odontológico (desenvolvido por Garbee e validado no Brasil por Sangiorgio), identificado na literatura como um instrumento confiável e bem estabelecido no estudo do estresse entre estudantes de odontologia. Associado a esse, foi também utilizado um questionário sócio demográfico, abordando questões em relação aos indivíduos, suas condições de moradia, trabalho e estudo, possibilitando uma melhor compreensão da população do estudo.

Assim, através dessa pesquisa, percebeu-se que os alunos regularmente matriculados no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC são majoritariamente pertencentes ao sexo feminino, solteiros, com maioria tendo de 18 a 23 anos, provenientes do estado de Santa Catarina, sendo que a maioria habita com pais ou parentes em casa ou apartamento. A grande maioria dos estudantes de odontologia não trabalha e é sustentada por terceiros. Em relação a questões acadêmicas, a maioria dos estudantes não apresentou reprovação e permanece na turma em que ingressou. Além disso, maior parte dos estudantes estuda entre 4 a 7 horas ou 1 a 3 horas além do tempo dedicado em sala de aula.

Em relação aos fatores estressores, se identificou uma média geral de 2,43 entre os acadêmicos de odontologia, que está entre o Levemente Estressante e o Moderadamente Estressante. Entretanto, analisando os fatores estressores de forma individual, observou-se que entre os mais estressores, como Provas e Notas, o Medo de reprovar em uma matéria ou de perder o ano, o Atraso e falta dos pacientes, Conciliar a vida pessoal com as rotinas da faculdade e a Falta de tempo para relaxar ou para lazer apresentaram média superior ou igual a 3,00 o que os coloca em um nível de Moderadamente Estressante a Muito Estressante.

Além disso, a etapa acadêmica com maior média entre os fatores estressores foi a Etapa Clínica, seguida pelo Estágio e pela Etapa Pré-Clínica, evidenciando que, alguns fatores estressores tornam-se mais ou menos significantes conforme o avanço do aluno pelo curso, devido às práticas laboratoriais, clínicas, convívio direto com professores, responsabilidades em relação ao atendimento de pacientes.

Assim o estudo contribuiu para o GIPES por possibilitar a identificação de tais fatores estressores e servir como base inicial para uma pesquisa sobre o estresse entre os estudantes de odontologia,

demonstrando pontos que apresentam um grau elevado de estresse para os alunos, podendo servir de base para futuros estudos e medidas que venham a colaborar com a assistência estudantil dos acadêmicos.

O estudo do estresse é um tema amplo e apresenta uma carga bastante profunda em nível de discussão, que já é realizado há tempo em no cenário da academia odontológica internacional, mas no Brasil é ainda muito recente. Assim, por tratar-se esse de um estudo inicial na área do estresse e de fatores estressores, ainda são necessários maiores pesquisas para identificar as causas dessas diferenças entre os alunos, bem como pesquisas que também verifiquem outras possíveis influências dos fatores estressores entre as diferentes realidades encontradas pelos diferentes alunos.

Entretanto, pode-se perceber que a realidade da odontologia como um ensino que apresenta importantes fatores estressores ocorre também em nossa universidade. Questões como o crescimento do estresse decorrente das relações com o corpo docente, as diferenças nas expectativas da odontologia, a falta de participação em processos de decisão, a consideração por trocar área de trabalhos, a incompatibilidade de avaliações, entre outros fatores, demonstram um quadro preocupante para o ensino odontológico da UFSC: será que o mesmo está sendo capaz de formar cirurgiões-dentistas que consigam trabalhar com a promoção da saúde se preocupe com a qualidade de vida, se, em seu ensino, ainda estão submetidos a importantes fatores que sabidamente influenciam a qualidade de vida dos próprios, ressaltando uma espécie de contradição existente na situação: ao mesmo tempo que a universidade supostamente prepara indivíduos para atuar na promoção de saúde, a mesma ainda é uma fonte de interferência na saúde dos mesmos indivíduos.

Além disso, os resultados desta pesquisa demonstram que os acadêmicos tornam-se mais inseguros quanto à profissão, indicando a possibilidade de um medo ou decepção conforme avançam no curso, assim como o corpo docente torna-se ainda mais um fator estressor para os estudantes. Questiona-se assim qual é a atuação do ensino em odontologia na formação de profissionais que realmente gostem da profissão e não estejam insatisfeitos com a mesma ou tenham temor dela em detrimento de influências estressoras que podem derivar de didatismos rígidos ou opressores (muitas vezes nem mesmo científicos). Afinal, é evidente a preocupação que deve existir em volta de um ensino que produz estresse pela própria profissão (como o cuidado do paciente) e apresenta níveis progressivos como estressor nos alunos, que consideram, conforme progredirem no curso, mudar de área de trabalho.

Seriam necessários quatro anos para que os estudantes comecem cada vez mais perceber que talvez não queiram odontologia ou seria esse um fenômeno criado pelo próprio ensino da odontologia?

Questões como essas e outras exigem mais abordagens e principalmente, um grande engajamento docente, seja pelo lado de profissionais de saúde, seja pelo lado como professores, para, juntamente com os discentes e outros atores da universidade, trazer a tona a pesquisa e debate envolvendo ensino e qualidade de vida estudantil dentro da odontologia, como área de atuação que é, para possibilitar uma melhor compreensão e fomentar a discussão do ensino em odontologia, tanto em nível universal quanto a nível local, considerando as realidades da própria UFSC, bem como suas fragilidades e pontos fortes, para então, conseguir não apenas propor a formação de cidadãos empenhados na qualidade de vida ou profissionais que atuem para promoção de saúde, mas também, como instituição, colaborar com os próprios fenômenos para a população acadêmica odontológica, que tem a universidade como local de formação, refletindo assim seu ambiente para o futuro, atendendo as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino em Odontologia, mas principalmente, as demandas da população que é responsável pelo financiamento desse ensino.

REFERÊNCIAS

- ABU-GHAZALEH, Suha B. et al. Psychological Stress Among Dental Students at the University of Jordan. **Journal Of Dental Education**. Stanford, p. 1107-1114. ago. 2011. Disponível em: <<http://www.jdentaled.org/content/75/8/1107.long>>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- ACHARYA, Shashidhar. Factors Affecting Stress Among Indian Dental Students. **Journal Of Dental Education**. Stanford, p. 1140-1148. jul. 2003. Disponível em: <<http://www.jdentaled.org/content/67/10/1140.long>>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- AFONSO, M.H.F. et al. . Como construir conhecimento sobre o tema de pesquisa?: Aplicação do processo ProKnow-C na busca de literatura sobre avaliação do desenvolvimento sustentável. **Revista de Gestão Social e Ambiental**: RGSA, v. 2, n. 5, p.47-62, 2011.
- AGUIAR, Sâmia Mustafa. **PREVALÊNCIA DE SINTOMAS DE ESTRESSE E DE DEPRESSÃO NOS ESTUDANTES DE MEDICINA E DE ODONTOLOGIA**. 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Saúde Coletiva, Departamento de Centro de Ciências da Saúde, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://uol11.unifor.br/oul/conteudosite/?cdConteudo=1111593>>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- AGUIAR, Sâmia Mustafa et al. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Fortaleza, p. 34-38. 16 jan. 2009.
- AHMAD, Mas Suryalis; YUSOFF, MohdMazharulMd; RAZAK, Ishak Abdul. STRESS AND ITS RELIEF AMONG UNDERGRADUATE DENTAL STUDENTS IN MALAYSIA. **Southeast Asian J Trop Med Public Health**. Thailand, p. 996-1004. jul. 2011. Disponível em: <<http://www.tm.mahidol.ac.th/seameo/2011-42-4/27-4993.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- ALCHIERI, João Carlos; CRUZ, Roberto Moraes. **Estresse: conceitos, métodos, medidas e possibilidades de intervenção**. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo, 2004. 144p. (Temas em avaliação psicológica) ISBN 8573963379.
- AYERS, K. M. S. et al. Job stressors of New Zealand dentists and their coping strategies. **Occup Med**. Londres, p. 275-281. 22 fev. 2008. Disponível em: <<http://occmed.oxfordjournals.org/content/58/4/275.long>>. Acesso em: 23 dez. 2013.
- BALLONE, G.J.; MOURA, E.C. **Estresse: Introdução** - in. PsiqWeb, revisto em 2008. Disponível em : < <http://www.psiqweb.med.br/cursos/stress1.html> > Acesso em 23 dez. 2013.
- BATISTELLA, Carlos. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Anamaria D'andrea (Org.). **O Território e o Processo Saúde-Doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. p. 51-86.
- BIANCHI, Estela Regina Ferraz. Enfermeiro hospitalar e o estresse. **Revista da Escola de Enfermagem - Usp**, São Paulo, v. 34, n. 4, p.390-394, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a11.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

BORGES, Angela Maria Brazil; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout e Fatores de Estresse em Estudantes de um Curso Técnico de Enfermagem. **Aletheia**, Canoas, v. 19, p.45-56, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1150/115013442005.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

BRASIL. ANDIFES. PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS. Brasil, 2011. 64 p. Disponível em:

<<http://www.prace.ufop.br/novo/pdfs/publicacoes/Relatorio Nacional.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção de saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Brasil, v. 1, n. 5, p.163-177, dez. 2000.

CARVALHO, Liliane de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Avaliação do nível de stress em profissionais de saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.570-582, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a16.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

CASTRO, Maria da Graça de; ANDRADE, Tânia M. Ramos; MULLER, Marisa C.. Conceito Mente e Corpo através da história. **Psicologia em Estudo**. Maringá, p. 39-46. abr. 2006.

CHINAVEH, Mahbobeh; ISHAK, Noriah Mohd; SALLEH, Amla Mohd. Improving Mental Health and Academic Performance through Multiple Stress Management Intervention: Implication For Diverse Learners. **Procedia Social And Behavioral Sciences**, p. 311-316.2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042810020471>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

CRUZ, Marina Zuanazzi; PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. Corpo, mente e emoções: Referenciais Teóricos da Psicossom/atica. **Rev. Simbio-logias**, Botucatu, v. 4, n. 6, p.46-66, dez. 2011. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/256502738_Corpo_Mente_e_Emoes_Referenciais_Tericos_da_Psicossomtica/file/e0b4952353652d0f05.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

CUSTÓDIO, Susana; PEREIRA, Anabela; SECO, Graça. X CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10. , 2009, Braga. **STRESSE E ESTRATÉGIAS DE COPING DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM EM ENSINO CLÍNICO**. Braga: Universidade do Minho, 2009. 14 p. Disponível em: <[https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/146/1/Stress em estudantes de enfermagem.pdf](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/146/1/Stress%20em%20estudantes%20de%20enfermagem.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2013.

DAHAN, Haissam. **The Experience of Stress in a Canadian Dental School: A Qualitative Study**. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Faculty Of Dentistry, McGill University, Montreal, 2008. Disponível em: <http://digitool.library.mcgill.ca/R/?func=dbin-jump-full&object_id=111601&local_base=GEN01-MCG02>. Acesso em: 18 dez. 2013

ENSSLIN, L. et al. **Processo técnico com patente de registro pendente junto ao INPI**. Brasil, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo (SP): Atlas, 2002. 171p. ISBN 8522431698

GOMES, Cármen Marilei; SILVA, Juliana Azambuja da. **FISIOLOGIA DO ESTRESSE: ASPECTOS NEUROENDÓCRINOS E COMPORTAMENTAIS**. Disponível em: <arquivos/artigos/fisiologia_estresse.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

GONÇALVES, Maria Bernadete; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa. Considerações sobre o ensino médico no Brasil: consequências afetivo-emocionais nos estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p.493-509, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33n3/20.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

GREENBERG, Jerrold S. **Administração do estresse**. 6. ed. São Paulo (SP): Manole, 2002. 390p. ISBN 8520412734.

GUILLARDI, Cátia Roberta; PRECOMA, Drielle Cristima; SILVA, Étheni Rios da. Eustresse, Distresse e Burnout: Um estudo do estresse no ambiente de trabalho. **@lumni**, Itu, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <http://fgh.escoladenegocios.info/revistaalumni/artigos/ed02/ed_02_artigo_06.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

HEGENBERG, Leonidas. **Doença**: um estudo filosófico. Rio de Janeiro (RJ): FIOCRUZ, 1998. 137p. ISBN 85-85676-44-2.

DAVIS, J.L.; JANOSIK, E. H. **Mental Health and psychiatric nursing**: a caring approach. Boston: Jones and Bartlett publishers, 1991. 760. p.

JAREMKA, Lisa M.; LINDGREN, Monica E.; KIECOLT-GLASER, Janice K.. SYNERGISTIC RELATIONSHIPS AMONG STRESS, DEPRESSION, AND TROUBLED RELATIONSHIPS: INSIGHTS FROM PSYCHONEUROIMMUNOLOGY. **Depression And Anxiety**. Wiley Periodicals Inc., p. 001-009, 2013.

KITAOKA-HIGASHIGUCHI, Kazuyo et al. Burnout and Risk Factors for Arteriosclerotic Disease: Follow-Up Study. **Journal Of Occupational Health**. Kawasaki, p. 123-131. fev. 2009. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/joh/51/2/51_L8104/_article>. Acesso em: 23 dez. 2013.

KONTUREK, P.c.; BRZOZOWSKI, T.; KONTUREK, S.j..Stress and the gut: Pathophysiology, clinical consequences, Diagnostic approach and treatment options. **Journal Of Physiology And Pharmacology**. Polish, p. 592-599. jan. 2011. Disponível em: <http://www.jpp.krakow.pl/journal/archive/12_11/pdf/591_12_11_article.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013.

LACAZ, Francisco Antônio de Castro. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, Brasil, v. 1, n. 5, p.151-161, dez. 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2003. 310 p.

LAZARUS, R.S. FROM PSYCHOLOGICAL STRESS TO THE EMOTIONS: A History of Changing Outlook. **Annual Reviews Psycho**, v. 44, p.1-22, 1993. Disponível em:

<http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4660/18222_105619.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

LIMA, Nahara Carla Silva de. **Qualidade de vida no trabalho para profissionais da ciência da informação**. 2007. 56 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão de Recursos Humanos, Universidade Cândido Mendes, Niterói, 2007. Disponível em: <[http://www.ndc.uff.br/repositorio/Qualidade de vida no trabalho.pdf](http://www.ndc.uff.br/repositorio/Qualidade%20de%20vida%20no%20trabalho.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2013.

LIPP, Marilda Novaes. **Como enfrentar o stress**. 4. ed. São Paulo (SP): Icone; Campinas: Editora da UNICAMP, c1994. 91p.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes (Org.). **O stress está dentro de você**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 178 p.

MALETTA, Carlos Henrique Mudado. **Bioestatística: Saúde Pública**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Independente, 2000. 288 p.

MARGIS, Regina et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p.65-74, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082003000400008&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 dez. 2013.

MATTAR, Marina de Andrade. **Pesquisa de marketing**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MILSTED, Jader Gabriel; AMORIM, Cloves; SANTOS, Mauro. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE) / III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Curitiba. **NÍVEL DE ESTRESSE EM ALUNOS DE PSICOLOGIA DO PERÍODO NOTURNO**. Curitiba: PUC-PR, 2009. 12 p. Disponível em: <http://www.isad.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3289_1469.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013.

MONTERO-MARIN, Jesus et al. Burnout syndrome among dental students: a short version of the "Burnout Clinical Subtype Questionnaire" adapted for students (BCSQ-12-SS). **Bmc Medical Education**. Londres, p. 1-11. 12 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.biomedcentral.com/content/pdf/1472-6920-11-103.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

MURPHY, Robert J. et al. A Comparative Study of Professional Student Stress. **Journal Of Dental Education**. Stanford, p. 328-337. mar. 2009. Disponível em: <<http://www.jdentaled.org/content/73/3/328.full.pdf+html>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL, Estados Unidos (Org.). **Copyright © National Academy of Sciences. All rights reserved. Recognition and Alleviation of Distress in Laboratory Animals** <http://www.nap.edu/catalog/11931.html> **Recognition and Alleviation of Distress in Laboratory Animals**. Nao Tem: National Academies Press, 2008. 139 p.

PAFARO, Roberta Cova; MARTINO, Milva Maria Figueiredo de. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. **Rev Esc Enferm Usp**, São Paulo, v. 38, n. 2, p.152-160, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reusp/v38n2/05.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

PERDRIZET, George A.. Hans Selye and beyond: responses to stress. **Cell Stress And Chaperones**, v. 2, n. 4, p.214-219, dez. 1997. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC313000/pdf/11355-8145-002-04-0214.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

PEREIRA, Geovania Alves; JESUS, Rodrigo Mesquita de. O estresse na vida dos universitários em períodos avaliativos. In: **V COLÓQUIO INTERNACIONAL**, 2011, São Cristóvão. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%2015/PDF/Microsoft%20Word%20-%20O%20ESTRESSE%20NA%20VIDA%20DOS%20UNIVERSITARIOS%20EM%20PERIODOS%20AVALIATIVOS%2085.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

PETROFF, Linda L.. **Stress, adult attachment, and academic success among community college students**. 2008. 182 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psychological Studies In Education, University Of Nebraska, Lincoln, 2008. Disponível em: <digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=cehdsdiss>. Acesso em: 23 dez. 2013.

STARCKE, Katrin; BRAND, Matthias. Decision making under stress: A selective review. **Neuroscience And Biobehavioral Reviews**. p. 1228-1248. fev. 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0149763412000218>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

POLYCHRONOPOULOU, Argy; DIVARIS, Kimon. A Longitudinal Study of Greek Dental Students' Perceived Sources of Stress. **Journal Of Dental Education**. Stanford, p. 524-530. maio 2010. Disponível em: <<http://www.jdentaled.org/content/74/5/524.full.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

PUCCI JÚNIOR, A. O estudo da relação mente e corpo segundo o pensamento funcional de William Reich. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1, 4, 9, Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004.

RADA, Robert E.; JOHNSON-LEONG, Charmaine. Stress, burnout, anxiety and depression among dentists. **Journal Of American Dental Association**. p. 788-794. jun. 2004. Disponível em: <http://www.saudident.com/album/data/media/17/stress_burnout_anxiety_and_depressionamong_dentists.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2013.

RADILLO, Blanca Elizabeth Pozoz et al. Stress-associated factors in Mexican dentists. **Brazilian Oral Research**, São Paulo, v. 22, n. 3, p.223-228, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-832420080003000006&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 dez. 2013.

RAUEN, Fábio José. Pesquisa Científica: Discutindo a questão das variáveis. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 4., 2012, Tubarão. **Anais...** Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus de Tubarão. p. 1 - 14. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/simfop/artigos_IVsfp/_Fábio_Rauen.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

RIBEIRO, Cacilda Barsanulfo; MELO, Luciano Antônio de; RIBEIRO, Júlio César. O Estresse do Graduando de Enfermagem no Âmbito da Universidade. **Neurobiologia**. São Paulo, p. 59-74. abr./jun. 2011.

RIDNER, Sheila H.. Psychological distress: concept analysis. **Journal Of Advanced Nursing**. Malden, p. 536-545. fev. 2004. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1365-2648.2003.02938.x/abstract>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

ROSSI, Ana Maria. **Autocontrole**: Nova Maneira de Controlar o Estresse. 5. ed. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1991. 138 p.

SADIR, Maria Angélica; BIGNOTTO, Márcia Maria; LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paideia**, Brasil, v. 20, n. 45, p.73-81, abr. 2010

SANGIORGIO, João Paulo Menck. **Estresse em odontologia**: Adaptação transcultural e validação do Dental Environmental Stress para estudantes de odontologia brasileiros. 2013. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Odontologia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000182993>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

SELYE, Hans. **Stress - a tensão da vida..** São Paulo (SP): IBRASA, 1959.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. 138 p. Disponível em: <ftp://ftp.unilins.edu.br/brenoortega/metodologia/metodologia_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

SILVA, Vânea Lucia dos Santos et al. FATORES DE ESTRESSE NO ÚLTIMO ANO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES. **Rev. Enferm. Uerj**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.121-126, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v19n1/v19n1a20.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

SILVERSTEIN, Sarah T.; KRITZ-SILVERSTEIN, Donna. A Longitudinal Study of Stress in First-Year Dental Students. **Journal Of Dental Education**. Stanford, p. 837-848. 1 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.jdentaled.org/content/74/8/836.abstract?related-urls=yes&legid=jde;74/8/836>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

SUÁREZ, Andrea L. et al. Psychoneuroimmunology of Psychological Stress and Atopic Dermatitis: Pathophysiologic and Therapeutic Updates. **Acta Dermato-venereologica**. Uppsala, p. 7-15. 2012. Disponível em: <<http://www.medicaljournals.se/acta/content/?doi=10.2340/00015555-1188>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

TORQUATO, Jamili Anbar et al. Avaliação do estresse em estudantes universitários. **Revista Científica Internacional IntersciencePlace**, v. 14, n. 3, p.140-154, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/viewArticle/112>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

TS, Wang Ying; ALMEIDA, Avelina Ferreira de; BORGES, Luiz Carlos Oliveira. **Análise dos efeitos da terapia comunitária existente no tribunal de contas da união na redução dos níveis de estresse dos participantes.** 2007. 103 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Especialização em Gestão Estratégica de Pessoas no Tribunal de Contas da União, Instituto Serzedello Corrêa, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal2.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/2054980.PDF>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

WADA, Keiko et al. Relationship between the Onset of Depression and Stress Response Measured by the Brief Job Stress Questionnaire among Japanese Employees: A Cohort Study. **PlosOne**, p. 1-7. fev. 2013. Disponível em: <<http://www.readcube.com/articles/10.1371/journal.pone.0056319>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

WILKINSON, Greg. **Stress**. São Paulo (SP): Três, c2001. 92p. (Isto é : Guia da saúde familiar).

ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

GIPEO - GRUPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA SOBRE O ENSINO ODONTOLÓGICO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – 1ª via – pesquisador – Data: ____/____/2014

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa cujo objetivo geral é descrever a presença de fatores estressores nos estudantes regularmente matriculados no curso de graduação em odontologia da UFSC.

Para que se possa alcançar este objetivo, os participantes responderão a perguntas, a partir de um instrumento de coleta de dados estruturado em forma de um questionário um questionário sociodemográfico, e o questionário Dental Environmental Stress, desenvolvido e aperfeiçoado por Garbee e colaboradores em 1981 e validado em território nacional por pesquisa realizada por Sangiorgio e colaboradores, no ano de 2013, que visa identificar quais fatores estressores estão presentes no dia-a-dia dos estudantes do curso de graduação desta universidade.

Informamos que, por se tratar de um questionário, a entrevista envolve riscos de desconforto e stress emocional, e, frente a qualquer dessas ou demais situações, os pesquisadores comprometem-se a não continuar com o processo de aplicação do questionário. Em relação aos benefícios, os participantes do estudo não serão beneficiados diretamente com qualquer auxílio material ou de outra natureza, mas indiretamente, com os resultados da pesquisa, pretende-se determinar os fatores estressores presentes entre os estudos estudantes do curso de graduação de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para buscar conhecer as características e distribuição dos fatores estressores entre os alunos do curso de graduação, para buscar conhecer as características socioeconômicas dos pacientes atendidos na referenciada clínica e sua relação com os fatores estressores.

A pesquisa segue as recomendações da Resolução do CNS n. 466 de 2012, bem como resoluções complementares, comprometendo-se a: 1) manter o sigilo das informações fornecidas, uma vez que os registros escritos e gravados permanecerão arquivados na sala do orientador da pesquisa, no Departamento Odontologia da UFSC, e que não se fará referência a identidade dos participantes no trabalho; 2) os participantes tem garantia plena de liberdade para recusar-se a participar do estudo ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização e 3) garantia de que os participantes não terão nenhuma despesa ao participarem da pesquisa. Além disso, a aplicação desse questionário dá-se apenas após sua aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC.

O seguinte Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é impresso em duas vias, sendo uma a via do pesquisador, que será retida para comprovação da concordância do participante em participar da pesquisa, e outra será a via do entrevistado, que, ficará em poder do mesmo, comprovando ao participante sua participação na pesquisa e mantendo os contatos em caso de desistência ou outras intercorrências. Ambas as vias deverão ter seus dados preenchidos e serem rubricadas.

Caso tenha alguma dúvida em relação à pesquisa neste momento ou posteriormente, nos disponibilizamos a realizar os devidos esclarecimentos através dos seguintes contatos: com o professor Cláudio José Amante, de segunda à sexta-feira, na sala n° 145, 2º andar, do CCS/UFSC, através do telefone (48) 3721-9520 ou do e-mail - claudio.amante@ufsc.br, ou com o acadêmico Vinícius Spiger no telefone (48) 88046184 (telefone celular) ou e-mail – vspiger@hotmail.com. Além disso, o contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pode se realizar pelo endereço: Biblioteca Universitária Central - Setor de Periódicos (térreo) - Campus Trindade/Florianópolis, pelo telefone: (048) 3721-9206 ou pelo e-mail: cep.propeq@contato.ufsc.br.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa "A presença de fatores estressores entre os alunos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC" e concordo que os dados por mim fornecidos sejam utilizados na realização da mesma. Informo que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi feito em duas vias, sendo que uma delas permaneceu comigo.

Florianópolis, ____ de _____ de 2014

Assinatura do orientador

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante

ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	
QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	
1. Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	2. Data de nascimento: // / /
3. Idade: anos	4. Qual semestre está cursando atualmente? _____ semestre
5. Estado civil: <input type="checkbox"/> solteiro (a) <input type="checkbox"/> casado (a) <input type="checkbox"/> separado (a) <input type="checkbox"/> desquitado (a) <input type="checkbox"/> divorciado (a) <input type="checkbox"/> viúvo (a) <input type="checkbox"/> outro	
6. Qual sua condição atual de moradia? <input type="checkbox"/> A - Resido sozinho em casa ou apartamento. <input type="checkbox"/> B - Resido com pais ou parentes em casa ou apartamento. <input type="checkbox"/> C - Resido com cônjuge e/ou filhos, em casa ou apartamento. <input type="checkbox"/> D - Com outras pessoas, em casa ou apartamento. <input type="checkbox"/> E - Na Casa do Estudante Universitário da UFSC. <input type="checkbox"/> F - Em outros tipos de habitação individual/coletiva.	7. Você teve de se mudar de cidade, estado ou país para realização deste curso? <input type="checkbox"/> A - Sim, de cidade. <input type="checkbox"/> B - Sim, de estado. <input type="checkbox"/> C - Sim, de país. <input type="checkbox"/> D - Não.
8. Você permanece na mesma turma em que ingressou no vestibular? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	9. Já teve alguma reprovação? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim – Quantas? _____
10. Assinale a situação de renda que melhor descreve seu caso> <input type="checkbox"/> A - Não tenho renda, meus gastos são financiados pela família ou outras pessoas. <input type="checkbox"/> B - Tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas. <input type="checkbox"/> C - Tenho renda e me sustento totalmente. <input type="checkbox"/> D - Tenho renda, me sustento e contribuo para o sustento da família. <input type="checkbox"/> E - Tenho renda, me sustento e sou o principal responsável pelo sustento da família.	

11. Qual a sua situação de trabalho? (Exclui-se estágio, bolsa de pesquisa e monitoria)

- ☐ A - Não estou trabalhando.
- ☐ B - Trabalho eventualmente.
- ☐ C - Trabalho até 20 horas semanais.
- ☐ D - Trabalho mais de 20 horas semanal, mas menos de 40 horas semanais.

12. Quantas horas você dedica ao estudo semanalmente? (Excluem-se as horas de aula).

- ☐ A - Nenhuma, apenas assisto às aulas.
- ☐ B - De 1 a 3 horas.
- ☐ C - De 4 a 7 horas.
- ☐ D - De 8 a 12 horas.
- ☐ E - Mais de 12 horas

ANEXO C- ESTRESSE NO AMBIENTE ODONTOLÓGICO

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS				
ESTRESSE NO AMBIENTE ODONTOLÓGICO				
Indique o grau relativo de estresse que cada um dos fatores a seguir lhe causa. Use a seguinte escala				
Muito estressante ME	Moderadamente estressante BE	Ligeiramente Estressante LE	Não Estressante NE	Não pertinente (não aplicável) NP
1. Quantidade de trabalho exigido em sala de aula				
ME	BE	LE	NE	NP
2. Falta de cooperação dos pacientes nos cuidados que devem tomar em casa				
ME	BE	LE	NE	NP
3. Dificuldades em sala de aula				
ME	BE	LE	NE	NP
4. Responsabilidades pelo cuidado com a saúde do paciente de forma integral				
ME	BE	LE	NE	NP
5. Competitividade por notas				
ME	BE	LE	NE	NP
6. Atraso ou falta de pacientes nas consultas				
ME	BE	LE	NE	NP
7. Provas e notas				
ME	BE	LE	NE	NP
8. Dificuldade de aprender procedimentos clínicos				
ME	BE	LE	NE	NP
9. Ambiente criado pelo corpo docente				
ME	BE	LE	NE	NP
10. Interações com pessoas do sexo oposto				
ME	BE	LE	NE	NP
11. Receber críticas do trabalho realizado				
ME	BE	LE	NE	NP
12. Dificuldade de aprender habilidades manuais de precisão exigidas no trabalho pré-clínico e de laboratório				
ME	BE	LE	NE	NP
13. Falta de confiança em ser um estudante de odontologia bem sucedido.				
ME	BE	LE	NE	NP
14. Falta de autoconfiança em ser um dentista bem sucedido.				
ME	BE	LE	NE	NP
15. Falta de tempo para relaxar ou para lazer				
ME	BE	LE	NE	NP
16. Quantidade de desonestidades acadêmicas na faculdade de odontologia (cola em provas, falsificação de assinaturas ou prontuários)				
ME	BE	LE	NE	NP
17. Regras e regulamentos da faculdade de Odontologia				
ME	BE	LE	NE	NP
18. Realizar tratamentos em pacientes com bocas sem higiene adequada				
ME	BE	LE	NE	NP
19. Falta de atmosfera familiar nas residências estudantis/repúblicas durante a faculdade.				
ME	BE	LE	NE	NP
20. Completar os requisitos para graduação (Notas/Produção clínica/Estágio)				
ME	BE	LE	NE	NP
21. Conciliar vida pessoal com as rotinas da faculdade				
ME	BE	LE	NE	NP
22. Diferenças entre as expectativas em relação à faculdade e a realidade encontrada				
ME	BE	LE	NE	NP
23. Falta de participação nos processos de tomada de decisão da faculdade				
ME	BE	LE	NE	NP
24. Medo de reprovar em uma matéria ou perder o ano				
ME	BE	LE	NE	NP
25. Insegurança em relação ao futuro profissional				
ME	BE	LE	NE	NP
26. Responsabilidades financeiras				
ME	BE	LE	NE	NP
27. Falta de tempo para fazer os trabalhos exigidos pela escola				
ME	BE	LE	NE	NP

28.	Considerar entrar em outra área de trabalho			
ME	BE	LE	NE	NP
29.	Dificuldades de assumir compromissos conjugais (morar junto, noivado, casamento) devido ao curso de odontologia			
ME	BE	LE	NE	NP
30.	Saúde física pessoal			
ME	BE	LE	NE	NP
31.	Atitudes discriminatórias da comunidade universitária em relação a estudantes de odontologia do sexo feminino			
ME	BE	LE	NE	NP
32.	Conflito com a família sobre o futuro da profissão			
ME	BE	LE	NE	NP
33.	Discriminação devido à raça, status social ou grupo étnico			
ME	BE	LE	NE	NP
34.	Incompatibilidade entre as avaliações dadas sobre seu trabalho entre diferentes professores			
ME	BE	LE	NE	NP
35.	Medo de ser incapaz de me recuperar se eu ficar pra trás nos estudos			
ME	BE	LE	NE	NP
36.	Atitudes discriminatórias da comunidade universitária em relação aos estudantes de odontologia homossexuais			
ME	BE	LE	NE	NP

ANEXO D- DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO**ANEXO – DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO – DIREÇÃO DO CCS**


**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA**

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e, como representante legal da instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa – “A PRESENÇA DE FATORES ESTRESSORES ENTRE OS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UFSC”, e cumprirei os termos da Resolução CNS 446/2012 e as suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, ____ de _____ de 2014.

Prof. Sérgio Fernando Torres de Freitas
Diretor do CCS/UFSC
Portaria nº 1992/2012/GR


Prof. Sérgio Fernando Torres de Freitas, Doutor.
Diretor do CCS/UFSC

ANEXO E- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A presença de fatores estressores entre os estudantes do curso de graduação em odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Pesquisador: Cláudio José Amante

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33135014.7.0000.0121

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 887.477

Data da Relatoria: 23/11/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto do Departamento de Odontologia Intitulado A presença de fatores estressores entre os estudantes do curso de graduação em odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador: Cláudio José Amante

Objetivo da Pesquisa:

Como objetivo primário desta pesquisa, postula-se: "Descrever a presença de fatores estressores nos estudantes regularmente matriculados no curso de graduação em odontologia da UFSC".

Objetivo Secundário:

Os objetivos secundários desta pesquisa são:a)identificação do perfil sociodemográfico atual dos alunos do curso de graduação em odontologia da UFSC.b)Identificar na literatura um instrumento validado para verificar a presença de estresse nos alunos.c)Enunciar os principais estressores presente nos alunos potencialmente capazes de influenciar na permanência e formação deles.d)Estabelecer as relações entre o perfil sociodemográfico e prevalência de fatores estressores nos alunos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A entrevista envolve riscos mínimos de desconforto e stress emocional, e, frente a qualquer dessas ou demais situações, os pesquisadores comprometem-se a não continuar com o processo

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade CEP: 88.045-000
UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-9208 Fax: (48)3721-8998 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 007.477

de aplicação do questionário

Benefícios:

Os participantes do estudo não serão beneficiados diretamente com qualquer auxílio material ou de outra natureza, mas indiretamente, com os resultados da pesquisa, pretende-se determinar os fatores estressores presentes entre os estudos estudantes do curso de graduação de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para buscar conhecer as características e distribuição dos fatores estressores entre os alunos do curso de graduação, para buscar conhecer as características socioeconômicas dos pacientes atendidos na referenciada clínica e sua relação com os fatores estressores

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto demonstra aprofundamento teórico e metodológico com condições de ser executado na prática.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em relação aos termos de apresentação obrigatória o pesquisador apresentou os documentos para submissão e avaliação no CEP Relatório, Projeto, Folha de Rosto, TCLE, Cronograma, Orçamento

Recomendações:

Apenas recomendamos que o pesquisador atribua risco mínimo no texto na PB e no TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui indicando aprovação haja visto que o pesquisador atendeu a todas as recomendações anteriores indicadas pelo relator.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Campus Universitário Ritor João David Ferreira Lima

Bairro: Trindade CEP: 88.040-900

UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS

Telefone: (48)3721-9208 Fax: (48)3721-9698 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 007.477

FLORIANÓPOLIS, 26 de Novembro de 2014

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade CEP: 88.040-900
UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-8208 Fax: (48)3721-9898 E-mail: cep@reitoria.ufsc.br